

PATRÍCIA SAVISKI

**FUTEBOL:
PAIXÃO E INTERESSES**

**Monografia apresentada como requisito parcial
para a conclusão do curso de Licenciatura em
Educação Física, Setor de Ciências Biológicas
da Universidade Federal do Paraná.
Professor Orientador: Wanderley Marchi Júnior
Doutor**

**CURITIBA
2003**

AGRADECIMENTOS

Às vezes esquecemos de pessoas que fizeram e fazem parte da nossa vida, e nela acabam influenciando. Pessoas estas que sempre estão acompanhando nosso desenvolvimento, nosso crescimento. E a estas pessoas que agradeço eternamente, por estarem ao meu lado em todos os momentos da minha vida, seja ela acadêmica, social, sentimental, entre amigos.

Meus pais, meus amigos, meus professores.

Em especial ao meu orientador, professor Wanderley Marchi Júnior, que me ajudou a chegar ao final deste trabalho de forma a acreditar que posso realizar projetos que tenho em mente, ao professor Wagner Campos, que atuou diretamente lecionando a matéria de Seminário de Monografia, aos meus amigos que estiveram presentes em minha vida, Luciana Migliante, Paulo Paixão, Marlus, Crika, Punk, Karina, Viviane, Nádia, Pedrão, Luis Alexandre, Caroline , Karina, Bruno Albuquerque, Thiago, Luciana Rapetti entre outros que sempre estiveram ao meu lado e que sabem que sempre serão lembrados.

Agradeço à Deus por me dar esta oportunidade, e poder chegar onde cheguei, com garra, humildade e muita superação.

Dedico este trabalho à todos aqueles que me ajudaram, e que mesmo nos momentos mais difíceis me apoiaram e não me deixaram desistir. Àqueles que realmente foram meus amigos. Aos meus pais, meu irmão, à minha obatian, que sempre esteve orando por mim, à Deus. Em especial a duas pessoas que já não fazem parte deste plano, mas que eu sei que estão torcendo por mim onde quer que eles estejam, meu vô Ludovico e meu tio Paulinho. Amo todos vocês.

Olhe para trás! Veja os obstáculos que você já superou. Veja quanto você já aprendeu nesta vida e quanto já cresceu. Olhe para frente! Não fique parado, levante-se quando tropeçar e cair. Estabeleça metas, tenha planos e prossiga com firmeza. Olhe para dentro! Conheça seu coração e analise seus projetos; mantenha puros seus sentimentos. Não deixe que o orgulho, a vaidade e a inveja dominem seus pensamentos e seu coração. Olhe para o lado! Socorra quem precisa de você. Ame o próximo e seja sensível para perceber as necessidades daqueles que o cercam. Olhe para baixo! Não pise em ninguém... perceba as pequenas coisas e aprenda a valorizá-las. Olhe para cima! Há um Deus maior do que você, que o(a) ama muito e tem todas as coisas sob seu controle. Olhe para Deus! Perceba a profundidade, a riqueza e o poder da bondade divina. Sinta esse Deus que olha por você em todos os dias da sua vida! E tenha uma.... vida feliz!!!!

SUMÁRIO

RESUMO.....	v
1.0- INTRODUÇÃO.....	01
1.1 – Apresentação do Problema.....	01
2.0- REVISÃO DE LITERATURA.....	04
2.1 – Esporte.....	04
2.2 – Paixão de um povo.....	06
2.3 – Futebol no Brasil : Construção Cultural.....	08
2.4 – O Futebol e a Mídia.....	12
2.5 – Futebol, sociedade e violência.....	16
2.6 – Futebol – Meio-de-vida.....	24
2.7 – Os interesses e a paixão, uma tensão permanente e constitutiva no mundo do futebol.....	26
2.8 – A Torcida	34
3.0- METODOLOGIA.....	36
4.0- CONCLUSÃO.....	37
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	39
ANEXOS.....	43

RESUMO

Este trabalho tem o propósito de buscar uma nova visão do futebol contemporâneo e seus estigmas, como é despertada a paixão de um povo por um determinado esporte, e o surgimento de interesses dentro deste.

Em cada capítulo estarei mostrando várias formas de se ver o futebol e como ele vem se desenvolvendo no âmbito esportivo e mercadológico.

O futebol desde seu surgimento vem passando por transformações que afetam não só os que praticam, mas toda uma sociedade. Passando do amadorismo ao profissionalismo, deixando de ser algo lúdico para se tornar um meio de vida.

Da diversão à espetacularização, da associação às sociedades, das agremiações às instituições. Assim o futebol foi crescendo.

A necessidade de ser sempre o melhor, de apresentar desempenho, resultado faz com que a violência apareça e faça parte do espetáculo. E esta violência é bem aproveitada pelos meios de comunicação que fazem de um momento de desespero dos adeptos pelo esporte um show, passando e repassando as imagens.

A paixão começou a fazer parte deste esporte, assim como as crises financeiras. As torcidas começaram a ser formadas, com isso criou-se também novas formas de se ganhar dinheiro, de comercializar o esporte. O futebol passou a ser um produto de fácil comercialização, e isso fez com que muitas pessoas e empresas se interessassem pelo esporte. Nasceram as A.C. (Associações Cívicas) e as S.A. (Sociedades Anônimas) dentro do futebol. As torcidas criam marcas próprias, clubes abrem lojas para vender seu nome, seu produto.

Estes temas estarão sendo abordados neste trabalho com intuito de tentar trazer à tona um assunto que faz parte da vida de toda a sociedade nos dias de hoje. Abrindo uma porta de discussão, análise e reflexão sobre o futebol contemporâneo.

1.0 – INTRODUÇÃO

1.1 – APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA

Há muito tempo o esporte deixou de ser apenas esporte para se tornar algo mais. Tornou-se uma profissão, um passatempo, um vício, uma paixão. O esporte não envolve apenas os praticantes, mas também uma legião que trabalha ao redor, para que o esporte chegue à todos; um grupo de especialistas, que analisa, estuda, tenta aperfeiçoar o esporte; e uma grande torcida, esta que está sempre à postos, à qualquer hora, pronta para torcer, gritar, chorar, por algo inexplicável, que é a paixão pelo esporte. E dentre os esportes temos o futebol, o primeiro entre tantos outros no Brasil. E este vem se desenvolvendo, crescendo, tomando forma?!

O futebol é considerado hoje como um esporte da massa, praticado no mundo inteiro, com muitos adeptos, e de fácil adaptação. Principalmente no Brasil, o futebol é bastante difundido, praticado por muitos desde criança, em vários locais como, campos de futebol, propriamente dito, ruas, campos de areia, chão batido, entre outros.

E especialmente por ser um esporte de muitos adeptos e fácil aceitação pelo público que a mídia trata o futebol como um espetáculo, utiliza-se da paixão e dos aspectos psicológicos, inferindo nas pessoas basicamente no sentido de suas emoções, exaltando campeonatos, clubes, jogadores, torcidas, entre outros, ligados direta ou indiretamente ao futebol.

E quando falamos da paixão pelo esporte, a Torcida Organizada é especialista no assunto, a paixão pelo futebol, pelo esporte é mais presente. Vestem a camisa, e transformam-se em verdadeiros defensores do seu time, fazem do jogo uma batalha, e muitas vezes acabam fazendo do estádio e seus arredores em um campo de guerra. Porém muitas vezes esta atitude está ligada a outros fatores além da paixão pelo time, talvez tudo isso possa ser apenas uma fuga da realidade, um reflexo da sociedade, esta que muitas vezes acaba deixando a desejar, dificultando o dia-a-dia das pessoas, impondo condições.

A violência é uma das principais preocupações da sociedade, e infelizmente ela está presente com muita frequência nos estádios, seja no campo ou arquibancada, nas ruas, nos terminais, entre outros locais, onde há um contato entre torcidas rivais, entre torcidas e policias, ou mesmo entre facções diferentes de uma mesma torcida. E esta atitude inibe o torcedor que quer ir ao estádio somente para torcer pelo seu time, para se divertir. Ele não se sente mais a vontade para levar seus filhos para assistir aos jogos, pois a violência tomou conta dos estádios.

“O ser humano, na busca do alcance de suas necessidades, projeta sua vontade sobre bens corpóreos e incorpóreos, o que, em outras palavras, podemos definir como interesse. Mas, não só a vontade faz o ser humano alcançar seus interesses, para tal, é necessário mais que a vontade, é preciso que além dela, que se disponha da capacidade, ou seja dos meios.” (VIANA, 1994).

Precisamos buscar novas maneiras de fazer do futebol um esporte coerente. E quais os fatores que influenciam diretamente no futebol? Como eles estão interligados? Como afetam no dia-a-dia das pessoas, da sociedade e do esporte propriamente dito? Como podemos repensar o futebol contemporâneo e as dificuldades deste em função da forte/decisiva influência da mídia, da sociedade e da economia esportiva? E para ampararmos este estudo vamos discutir e diagnosticar quais os motivos que afetam o futebol e as conseqüências geradas pela paixão e pelos interesses por este.

O esporte desde seu primórdio causa grande impacto a seus praticantes e espectadores, com o tempo isso só tendeu a crescer tornando-se uma paixão. E esta paixão deixou de ser vista somente entre seus participantes e tornou-se paixão de um povo. A mídia, e a sociedade intervieram fazendo do futebol um esporte da massa, atingindo cada dia mais adeptos, e assim podendo utilizar de seus meios formas de agregar, usar e algumas vezes manipular seus espectadores, fãs-apaixonados, dirigentes, jogadores e a população em geral.

Daí para se tornar um meio de vida, uma profissão, um ganha “pão”, bastou a necessidade de ganho, de retorno aos clubes, assim formando instituições políticas.

E a torcida por fim acaba sendo levada por um sentimento a ser e agir muitas vezes da maneira agressiva, e violenta. Transformando a idéia de um esporte lúdico para um esporte de rendimento com fins lucrativos.

Para tanto é necessário buscar uma coerência entre a teoria e a prática no “mundo da bola”.

2.0 – REVISÃO DE LITERATURA

2.1 – Esporte

Reconhecido como principal fenômeno social do século, as tentativas de definição da origem e significado do termo esporte têm se valido dos mais diversos enfoques para melhor identificá-lo (TUBINO, 1992). Porém, parece ser no campo das bases operacionais internas que os conceitos sobre esporte têm se detido com maior frequência. Alguns deles já são considerados clássicos na literatura esportiva brasileira, enquanto que outros parecem decorrer das novas possibilidades de interpretação social da realidade. Entre os primeiros, pode-se referir os estudos de KUNZ (1991) e BRACHT (1997). Com base nos estudos do GT Pedagogia do Esporte, na Alemanha, KUNZ considera que é esporte aquela atividade de movimento humano na qual os princípios da “*sobrepujança*” e das “*comparações objetivas*” (p.109) sejam os determinantes na regulação das ações da atividade esportiva. Interpretação possível a partir deste conceito é de que só seria considerado esporte aquele recorte da cultura de movimento que se baseasse na competição, na perspectiva de sobrepor-se a algo (um índice) ou a alguém (adversário), e que fosse realizado em condições e possibilidades (regras) rigorosamente controladas.

Já BRACHT, analisando a gênese do esporte moderno, considera o estudo de Allen Guttmann¹, para quem é possível identificar sete características básicas do esporte: 1) secularização; 2) igualdade de chances; 3) especialização de papéis; 4) racionalização; 5) burocratização; 6) quantificação; 7) busca de recordes. Segundo BRACHT, apesar de este cenário aplicar-se mais à dimensão do esporte de alto rendimento ou espetáculo, sua influência sobre o âmbito do esporte como atividade de tempo livre é direta, vez que lhe serve de modelo e a ele fornece os sentidos e códigos para sua realização.

¹ Sobretudo, a obra *From ritual to record: the nature of modern sports*, publicada pela Columbia University Press, sem tradução em português. O próprio Bracht alerta, todavia, que uma publicação de autoria de Ronaldo Helal (Sociologia do Esporte, editora Brasiliense, 1990) reproduz longos trechos do livro de Allen Guttmann.

Em ambas as análises sobre a definição de esporte, é possível perceber a existência de critérios comuns, como o da competitividade e o da normatização rígida.

Inserindo dados novos nesta discussão, BETTI (1998-b) sugere que, a partir do advento da espetacularização do esporte pela mídia, este “*passa a experimentar o fenômeno lingüístico da polissemia*” (p.83), isto é, como existem mais coisas do que palavras para representá-las, as palavras vão adquirindo novos sentidos para explicar outros fenômenos. Na tentativa de simplificar o seu entendimento a fim de facilitar o consumo, a mídia estaria ampliando o conceito tradicional (ou restrito, cf. KUNZ, 1994) e denominando como esporte, para além daquelas classicamente definidas como tal, um conjunto mais amplo de atividades da cultura de movimento, incluindo as ligadas à melhoria da condição física (*fitness*), na perspectiva estética e da saúde, as atividades de desafio, os esporte radicais e em contato com a natureza e outros. Além disso, ainda segundo BETTI, da apropriação das atividades características da cultura esportiva pela indústria do entretenimento tecnologicamente mediado resultou que outras formas de vivência do movimento tornam-se também esporte. Neste sentido, passam a ser considerados pertinentes ao conceito polissêmico de *esporte* tanto a prática de “peladas no campinho”, na aula de Educação Física ou no treino na escolinha, quanto o futebol disputado no videogame, nos jogos de computador e a sua assistência pela televisão (BETTI, 1998-b).

Embora se reconheça os problemas que este alargamento conceitual pode gerar à compreensão sobre o fenômeno esporte, parece válido que sua polissemia seja considerada neste estudo para se fazer referência ao conjunto de atividades da cultura de movimento que é representado pelo discurso midiático sobre esporte, ou ainda, que venha a ser identificado como objeto da chamada mídia esportiva, parcela especializada dos meios de comunicação que produz e veicula o conteúdo do discurso esportivo na mídia.

Nos capítulos seguintes, o termo esporte virá muitas vezes adjetivado, ora por expressões como *esporte-espetáculo* ou *esporte de (alto) rendimento*, visando referir-se àquela manifestação que se impõe como integrante da cultura de consumo, ora por *esporte mediatizado* ou *esporte tecnologicamente* (ou ainda *eletronicamente*) *mediado*,

quando relativo ao processo de sua difusão pelos meios de comunicação – cujo objeto central é o esporte-espetáculo, mas não apenas ele. Particularmente, este último aspecto (a mediação do esporte produzida pela mídia) é central na definição de um outro conceito, o de cultura esportiva, cujo objetivo seria o de representar a maneira como se dá, de forma majoritária, a atribuição simbólica de sentidos ao esporte, em todas as suas manifestações e influências sociais, como se explica a seguir.

2.2 – Paixão de um povo

Paixão.

Um sentimento arrebatador.

Afeição, afeto, amizade, amor, apego, dedicação, inclinação, ternura, carinho, benevolência, complacência, afabilidade, benignidade, civilidade, enternecimento.

Palavras que nem sempre seguem a risca seu significado.

Palavras que tentem explicar um sentimento.

Um sentimento que quando chega, toma conta do corpo e da alma.

Sentimento este, que muitas vezes faz com que percamos o juízo.

Percamos a cabeça.

E daí para cair na loucura é só um passo.

E é esse sentimento que leva muitas pessoas a agir de forma romântica, amável.

Ou violenta, passional.

E isto não é diferente em algo que está no nosso dia-a-dia.

O futebol.

Esporte que leva multidões aos estádios.

Esporte que faz uma nação inteira parar.

Que faz a gente gritar.

Rir e chorar.

Uma paixão ardente.

Avassaladora.

Um sentimento sem igual.

Futebol

Um esporte da massa.

Futebol.

O seu, o meu, o nosso esporte.

(P. S., 2002)

Existem pessoas que afirmam que há uma história do Brasil e uma história do brasileiro, esta que fala de nós, que conta a sua, a minha, a nossa história.

A partir daí, fica fácil compreender que o brasileiro comum, o popular, necessariamente não participa, da história do Brasil, por si só. Faz apenas parte de um número dentro do tempo. E são poucos, em face das multidões, que participam direta ou indiretamente de fatos da história, compartilhando prós e contras.

O futebol, no entanto, faz parte da história particular de cada brasileiro. De maneira que somos nós, todos, personagens de um livro, pois em algum momento com certeza nos encontraremos diante de algum fato memorável registrado em suas páginas. Ou mesmo diante de todos os momentos em diversas décadas, segundo o jeito de cada um, a forma pela qual cada um encara o futebol em si e o seu clube em particular. E face principalmente à dimensão que o espírito de cada um destina ao clube do seu coração.

Da mesma forma que o futebol se apresenta como uma função da alma, o amor a um clube pode ser visto como condicionamento psíquico, propulsor até de disparates, justificáveis somente pelos olhos e pelas cabeças dos torcedores de mesma camisa, que em determinados instantes pensam com uma cabeça só, a da torcida, agindo numa espécie de histeria coletiva, senhora do mundo e de todas as razões, incapaz de exercer o racional. O torcedor vê, então, mão na bola em vez de bola na mão; e a depender de circunstâncias, o juiz é irremediavelmente cego para as coisas de sua seara, de suas cores.

Machado de Assis, irradiando autoridade, teria sido justo espectador de futebol, pois uma frase aplicada alhures jamais teria sido tão feliz se não infligida ao obstinado torcedor: “Toda paixão é turva” – dizia ele.

Com razão, aliás. Mas se já no começo do século o bom Machado de Assis sabia disso sem Ter visto o futebol menino adolecer, formar-se, cativar e encantar, certamente a toda turva paixão acrescentaria seguro e irreverente: “Toda paixão clubística é cega!”

Limpeza da alma, purgação e liberação são algumas das expressões que eqüivalem ao termo grego *katharsis*, empregado por Aristóteles em sua “Poética”, quando chamou atenção para o efeito liberador da tragédia, para o alívio de emoções desagradáveis que este gênero literário provoca no espectador: “suscitando o temor e a piedade, (a tragédia) tem por efeito a purificação de tais paixões.”

“*Hoje o Maracanã é ponto de confluência do povo e derivativo que amortece angústias sociais.*” (LYRA FILHO, 1967)

A catarse é uma necessidade básica do homem de expandir sua natureza animal, de libertar seus instintos e somente “*uma civilização de jogos seria capaz de drenar inofensivamente a enorme necessidade de afirmação ofensiva reprimida.*” (MORIN, S/D).

2.3 – Futebol no Brasil: Construção Cultural

Desde a sua chegada ao Brasil, no final do século XIX, o futebol foi se identificando como um esporte que despertava grande interesse sobre as pessoas. Era praticado nos encontros sociais da elite econômica, principalmente empresários ingleses, que mandavam seus filhos estudarem na Europa; de onde retornavam com a nova prática. Assim, era relacionado com a alta classe social, e com os modos comportamentais ditados para aquela época. Até mesmo na nomenclatura das posições em campo, eram utilizados os nomes oriundos da língua inglesa (WITTER, 1996).

Porém, com o passar dos anos, a classe econômica mais baixa, também foi conquistada por tal prática, e aos poucos foram se inserindo nos grandes clubes, que até então eram compostos apenas pela elite. Com a necessidade de mão de obra barata, a classe operária, os operários das fábricas, começaram a fazer parte dos times como reforços. Mesmo antes de 1914 alguns dos esportes tinham se difundido amplamente

na classe operária. O futebol é o exemplo mais característico. Estes fatos determinaram a adoção de um critério imposto pelas classes superiores, o amadorismo. O amadorismo foi resultado da proibição ou marginalização pertinaz dos praticantes profissionais nos esportes da época. O grau de amador só poderia ser conferido à pessoas que dedicassem mais tempo ao esporte que um operário poderia se dedicar.

Daí, do amadorismo ao profissionalismo foi só um passo, as federações decidiram profissionalizar o futebol, na década de 30, tornando um esporte discriminado e preconceituoso. Porém, o futebol já havia criado raízes no Brasil, e já exercia uma grande influência na sociedade.

A diferença mais acentuada entre o futebol inglês e o brasileiro nos seus primórdios diz respeito à profissionalização. Na Inglaterra ela foi primordial para a popularização do esporte, no Brasil a profissionalização só ocorreu porque os jogadores estavam emigrando para países que pagavam salários mensais (principalmente Argentina, Uruguai, Espanha e Itália).

Contudo alguns fatos podem ser hipotetizados como parte de um conflito de classe, como as constantes sisões entre as ligas estaduais. Nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Paraná formam criadas ligas alternativas que permitiam a presença de negros e proletários, pagando gratificações por vitória, ou pelo menos, flexibilizando o horário de trabalho para que estes jogadores pudessem treinar e arranjando cargos mais amenos, onde o trabalho físico não exigisse tanto esforço (era comum, por exemplo, jogadores serem promovidos de operário padrão a supervisor). Este tipo de pagamento foi chamado pelos pesquisadores do futebol de "profissionalismo marrom".

Não podemos categoricamente afirmar que tais conflitos tratavam-se de lutas de classe. Pois os defensores da profissionalização eram os dirigentes de alguns clubes e não os jogadores proletários ou os torcedores operários. Estes dirigentes também pertenciam à elite, contudo, por motivos diversos acreditavam que o futebol deveria ser profissional. Por exemplo, o Vasco da Gama defendia o profissionalismo pelo fato de se sentirem discriminados como um time

basicamente de origem portuguesa; já o Bangu, time de origem inglesa, pertencente à fábrica de tecidos situada neste afastado bairro, pendia para a profissionalização já que as elites (diretores ingleses da empresa) não eram em número suficientes para montar uma equipe, necessitando desta forma, da participação de alguns operários para conseguir completar o time; alguns dirigentes de outras equipes apenas observavam o que acontecia na Europa e acreditavam naquele modelo como incontestável, supunham que as diretrizes tomadas nos países europeus eram o melhor para o Brasil.

Em 1950, o Brasil é sede do Campeonato Mundial de Futebol, “ *um evento marcante: o país num período de desenvolvimento e com a capacidade de construir aquele que seria o maior estádio do mundo, o Maracanã, com capacidade para 200 mil espectadores (WITTER, 1996)*”. Consolidando assim o futebol no Brasil. Tornando “*o futebol um esporte repleto de significados, de simbologias, de valores para a existência humana em geral e, de forma singular, para os modos históricos de sua manifestação no interior da sociedade e da cultura brasileira (MURAD, 1995)*”.

No Brasil, após as vitórias na Copa do Mundo de 1958 e de 1962, respectivamente na Suécia e Chile, incentivados pela imprensa brasileira surgiu uma corrente que afirmava que o futebol incorporou o estilo brasileiro, baseado na técnica criativa dos seus jogadores, ou como preferem os antropólogos na "ginga", "malícia" e "jeitinho" brasileiro, superando então a rígida tática implantada pelos europeus. Esta corrente não chegou ao extremo de sugerir uma mudança de nome, mas buscava de qualquer forma diferenciar o futebol praticado no Brasil do futebol praticado nos outros países. Exemplifica-se: os cronistas que até então acreditavam que os jogadores brasileiros não estavam preparados para vencer e que tinham "tremedeira" nos jogos decisivos mudam sua opinião radicalmente, Garrincha e Pelé maiores referenciais brasileiros, tornam-se heróis nacionais, o primeiro como representação do invertido, símbolo da imagem pictórica, o que deu certo pelo caminho errado. Apelidado de anjo negro ou anjo das pernas tortas, Garrincha até a atualidade é o anti-herói, a figura viva de Macunaíma imortalizada na obra de Mário de Andrade reencarnada nos campos de futebol. O segundo, Pelé, viria a se

tornar depois o "rei do futebol", maior jogador de futebol do mundo, eleito o atleta do século. Mas neste período pós bi-campeonato sua função foi servir de exemplo para a valorização do negro, mostrou que a "mestiçagem" brasileira era uma virtude e, não motivo de vergonha como acreditava o presidente Epitácio Pessoa, que em 1921 as vésperas do campeonato sul-americano, deu uma ordem direta para o presidente da CBF evitar a convocação de negros.

O racismo se acentuou com a derrota na Copa do Mundo de 1950, os dois jogadores responsabilizados pela derrota brasileira eram mulatos: o goleiro Barbosa pelos gols sofridos e, Bigode por ter levado um tapa na face depois de uma discussão com o capitão uruguaio Obdúlio Varela. Mas, Pelé dissipou a idéia racista que o negro brasileiro era o responsável pelas nossas constantes derrotas, além de representar também a juventude, a perspectiva, pois na copa de 1958 tinha apenas 17 anos. Como acreditava Nelson RODRIGUES (1994), Pelé não era apenas significado de um futuro promissor para o futebol brasileiro, ele representava um futuro promissor para a nação.

HOBBSAWN (1990), fala sobre a tradição do esporte e como ele se funde e se confunde com nacionalismo, patriotismo. Para ele o tradicionalismo no futebol, por exemplo, é uma tradição inventada, mas de grande valor para o crescimento do esporte. Pode-se constatar que ao contrário das tradições antigas e os costumes, as tradições inventadas "simulam" ter aspectos simbólicos, porém, como o autor descreve são apenas generalizações, o que dificulta a conceituação ou o entendimento racional - como exemplo relacionado ao esporte podemos citar o termo "espírito esportivo" - este tipo de termo na verdade não contém nenhum conteúdo simbólico, apenas serve para condicionar o praticante de atividades esportivas a não cometer nenhuma atitude violenta quando estiver praticando o esporte ou relevar quando um adversário tiver tais atitudes.

Porém, HOBBSAWN acentua que embora fundamental para o nacionalismo este não era o fator mais importante no desenvolvimento do futebol. Era mais importante os laços de identidade que uniam a população de um determinado

Estado, amenizando as diferenças regionais e locais, mesmo que este mecanismo tenha acontecido através de influências comerciais. Também era relevante, que o esporte - no caso inglês o futebol não estava incluído, pois ele era um esporte típico da classe baixa - tenha acentuado as diferenças interclassistas entre o proletariado e a classe média. A classe média de difícil delimitação, por ser minoria "esmagada" entre a classe operária e a burguesia, se organizou na tentativa de manter seu domínio sobre o esporte usando como principal artimanha o amadorismo e estilo de vida de respeitabilidade, como o surgimento da célebre frase do olimpismo: "o importante não é ganhar e sim competir".

2.4 - O Futebol e a Mídia

O futebol mexe com as emoções de um povo, talvez por ser um esporte universal, que emociona a todos sem distinção de raça, status social, gênero, entre outros. E esse envolvimento pode também ser, em parte, explicado pela presença/surgimento de heróis/ ídolos, de extrema importância na configuração do imaginário social das pessoas, uma vez que os mesmos despertam paixões, alegrias (CAMPBELL, 1990). Esses heróis/ ídolos, apresentam características especiais. São indivíduos que além do talento, da força, caráter, humildade, reservam uma quota de sorte, magia, algo sobrenatural, que os faz diferenciar dos simples mortais. CAMPBELL afirma que esses indivíduos, conseguiram "*reunir sob uma constelação de imagens, suficientemente poderosa*" várias tendências individualistas.

Nações inteiras deixaram-se levar por esta nova magia sendo certo afirmar que, aqui no Brasil, o futebol foi em pouco tempo elevado a paixão nacional, conseqüentemente projetam-se inúmeros heróis/ ídolos, estabelecendo uma complexa relação entre estes e seus fãs (OLIVEIRA, 1999)

Num texto retirado do Jornal Zero Hora, Porto Alegre, mostra a foto de Marcelinho Carioca vestindo o uniforme de seu time erguendo as duas mãos para o céu e expressando muita alegria. O texto ao referir-se ao ídolo atribui a ele diversas denominações: o craque do corinthians e da seleção, o artilheiro do campeonato

brasileiro deste ano e o quase pastor. Mas esse herói que comemora seus gols olhando para o céu como forma de agradecer a Deus, pronunciando a frase *“obrigado senhor”*, grava um depoimento, que não se sabe se foi gratuito ou não, em favor de reeleição do presidente Fernando Henrique Cardoso. O herói exerce seu poder sobre a imensa torcida corinthiana – a segunda maior do país, atrás apenas da do Flamengo e o também crescente eleitorado evangélico. Ele é endeusado, uma figura quase mística, contemplada por essa imensa platéia que representa, o símbolo da conquista de quem agora detém o poder. O “golaço” é marcado com sua fala – *“Vejo que o povo voltou a sorrir e que pobre hoje pode transformar o sonho em realidade”* isso indica que, se ele, um negro de classe baixa, venceu na vida, todos aqueles que se esforçarem também poderão conseguir ser vencedores.

No Campeonato Brasileiro de 2001, as equipes a capital paranaense começaram de forma arrasadora, segundo comentários de Jason Goulart, repórter esportivo da Rede Paranaense de Comunicação. Entre outros comentários e manchetes, destacam-se duas publicadas no Jornal Primeira Hora (esportes, capa, pág.24, 13/08/2001), a primeira de capa, - Tricolor ganha brincando do Timão. Foi tão fácil, que errou até pênalti – vitória do Paraná Clube sobre o Corinthians por 3X1; e a Segunda falando sobre a vitória do Atlético-PR frente ao Flamengo, - Depois de deixar o Flamengo de Zagalo de quatro, Furacão disputará a liderança isolada do Brasileiro na Quinta, contra o Galo.- Sábado foi dia de massacre na Arena. Os cariocas quase perderam o rumo e voltaram para o Rio com lanterninha na mão. O massacre foi total na Arena: o Atlético de Alex Mineiro não deu chances para o Menguinho.

Segundo GORSKI & SANTOS (1996), os meios de comunicação de massa conseguem criar técnicas de linguagens e dramatização, conseqüentemente seduzem o público fazendo com que ele assista a partida e fique envolvido com a disputa esportiva. Aponto Também que existe a técnica de utilizar a imagem do jogador que carrega em si, todo o prazer da vitória. E dessa forma o torcedor identifica-se, veste a literalmente a camisa, e assume as condutas e valores do jogador. Os meios de comunicação tem esse poder de penetrar na massa e ajudar a construir o seu imaginário coletivo. MICELI (1988), afirma que a mensagem televisiva trata de forma

mitificadora o herói esportivo, quando aborda sua carreira e sua façanha esportiva, perpetuando desta forma a sua imagem.

Mediante gravação em videocassete foi examinada a programação da “SPORTV”, canal da TV a cabo especializada em esporte, entre os dias 24 de agosto a 2 de setembro de 1998, buscando abarcar toda a grade semanal no horário das 10:00 às 23:00 horas². Foram gravadas 107 horas. Neste período pode-se observar que as transmissões de partidas de futebol foram de 18,2%, às quais se somam também os noticiários sobre futebol de 5,1%. A propaganda da própria programação resume bem o conteúdo; *“Principais acontecimentos esportivos do Brasil e do Mundo”* (noticiário); *“Lances da Rodada”* (futebol); *“Giro completo pelo esporte: todos os ângulos das modalidades esportivas”* (matérias e notícias sobre várias modalidades); *“Bom humor, grandes personalidades”* (programas de entrevistas, entre outros).

Segundo entende SANTAELLA (1996), o conceito de meios e comunicação de massa fica abalado pelo surgimento do que denomina *“cultura das mídias”*, caracterizada pela interatividade de várias mídias, pela comutação e mutabilidade. Para SANTAELLA, as mídias *“inauguraram a mistura de códigos de processos sígnicos numa mesma mensagem, isto é, a simultaneidade semiótica das mensagens”* (1996, p.34). De fato, podemos observar que jornais e revistas cada vez mais utilizam a linguagem das mídias eletrônicas, como a televisão e o computador.

Segundo Vera CAMARGO, a televisão é o instrumento da Indústria Cultural de maior importância em nosso século. Através da veiculação de suas imagens, produz e reproduz comportamentos, criando modismos. Associado a este mecanismo, o fenômeno esportivo também age como um elemento formador de opinião, costumes e valores. A mídia contribui para a construção do mito, apresenta ao público os momentos e imagens que denotem sua bravura, coragem, espírito de luta ou então a vontade de vencer. São ingredientes necessários que compõem o imaginário do torcedor, que o estimula a torcer pelo seu ídolo. *“O meio tecnológico moderno, em particular a invasão das mídias e o emprego de aparelhos eletrônicos na vida quotidiana, modela*

² TV a cabo: Maximização do esporte telespetáculo. Mauro Betti. Pesquisa realizada sobre a influência da mídia no esporte.

progressivamente um outro comportamento intelectual e afetivo” (BETTI, 1998), e a cultura das mídias se marca pelo caráter de funcionalidade, isto é, funciona com a prescrição, como deve: agir, sentir e pensar; o que usar, o que vestir... isso como consequência da produção e consumo de informação. O poder das imagens, que invocam momentos da vida consciente e inconsciente, consiste em ajustar o comportamento público às condições impostas pela Indústria Cultural. (ADORNO, 1978:354). Sobre esta capacidade de despertar o adormecido, Adorno afirma que:

“... as imagens querem trazer a tona aquelas outras, imersas no espectador, e que se lhe assemelham, as figuras feéricas e fugidas do filme e da televisão aproximam-se da escrita. Elas são absorvidas, não contempladas. A vista é levada pela fita como se esta fosse a sentença, e no suave solavanco da mudança de cenas vira-se a página. Enquanto figura, a linguagem-imagem é meio de uma regressão, em que o produtor e o consumidor se encontram; enquanto escrita ela põe as imagens arcaicas à disposição dos modernos encantos. Desencantados, as imagens não transmitem qualquer segredo, mas são modelos de um comportamento, que corresponde tanto à gravitação do sistema total quanto à vontade dos controladores” (ADORNO, 1978:352).

Na verdade, existe entre a prática “real” do esporte e o que vemos na TV, um processo de mediação que se dá segundo uma lógica de espetacularização que leva, em geral, à fragmentação e descontextualização do fenômeno esportivo. A linguagem audiovisual da televisão, apoiada sofisticados recursos técnicos permite espetacularizar quase todas as modalidades esportivas. (BETTI, 1999).

Podemos dizer que está havendo uma situação paradoxal: nunca o esporte ocupou tanta importância em termos econômicos e conseqüentemente tanto espaço na mídia, principalmente eletrônica. Ao mesmo tempo a sua prática nunca foi tão inacessível quanto é hoje. No primeiro lado da equação, é preciso dizer que ele não está sendo apenas veiculado nos eventos esportivos; é forte a sua vinculação com a venda de produtos, que passam a ganhar uma valoração positiva na contemporaneidade - ser “esportivo”. Este conteúdo cultural tem uma característica que facilita este “merchandising”: é um produto pronto para ser consumido, a despeito do lugar onde o evento tenha sido realizado. Com a palavra um empresário esportivo, ligado ao futebol, sócio da Pelé Sports & Marketing: “O valor do futebol brasileiro não se esgota nas fronteiras do Brasil. O futebol é o mais globalizado dos produtos. Não precisa de tradução. É uma mercadoria para a qual você não precisa fazer um trabalho

para colocar em outro mercado. Essa é a grande sacada do negócio.” (Folha de São Paulo, 14 de março de 1999, p.4-10).

A questão da inacessibilidade aparece na própria configuração do esporte atual, espetacular e elitizante, o que o torna quase que exclusivamente restrito aos profissionais. BRACHT (1989) entende que este descompasso se deve ao fato do esporte de alto rendimento, ou espetáculo, orientar o esporte enquanto atividade de lazer, bem como o escolar. Segundo ECO (1984), o esporte atual é essencialmente um discurso sobre a imprensa esportiva: para além de três diafragmas está o esporte praticado, que no limite poderia não existir... e existe apenas a falação sobre a falação do esporte: a falação sobre a falação da imprensa esportiva representa um jogo com todas as suas regras. “ *E, uma vez que a falação sobre o esporte dá a ilusão de Ter interesse pelo esporte, a noção de praticar o esporte; o falante se considera esportista e não percebe mais que não pratica o esporte*”. (ECO, 1984, p.225).

A própria assistência ao esporte telespetáculo se torna, de certo modo, uma nova prática. Talvez fosse melhor dizer que os limites entre o assistir e o praticar já não existem. Entendo que esta ilusão, se é que podemos chamá-la assim, não necessariamente caracteriza uma “desrealização”, mas sim um processo de “virtualização” do esporte, inserido em um movimento mais geral de virtualização que estamos vivendo na contemporaneidade. (FERES NETO, 1999).

2.5- Futebol, Sociedade e Violência

O esporte vem se convertendo em uma das atividades sociais com maior afinco e capacidade convocatória. Tudo isso faz com que forme parte como um dos elementos determinantes da qualidade de vida e da utilização ativa do tempo de ócio na sociedade contemporânea.

Entretanto a violência que dia a dia aumenta nas pistas e canchas de esporte está impedindo que este direito seja exercido de forma natural, saudável e que permita o desenvolvimento integral das pessoas que o praticam. Um exemplo disto é a violência

no futebol. Esta questão que desagradavelmente, é habitual em nossos dias está impregnando o mundo do esporte de uma violência inusitada. Está se convertendo em modelo de comportamento dos espectadores de outros esportes.

A seguir tabelas mostram o número de mortos e feridos por incidentes durante as partidas de futebol:

ANO	LUGAR	MORTOS	FERIDOS	ANO	LUGAR	MORTOS	FERIDOS
1902	Glasgow	25	350	1979	Hamburgo	1	15
1946	Bolton	33	+ de 500	1979	Lagos*	24	27
1957	Florência	0	120	1980	Calcutá*	16	100
1959	Nápoles	0	65	1981	Atenas*	21	54
1961	Chile	5	+ de 300	1982	Moscou*	60	0
1964	Lima	350	+ de 500	1982	Colômbia*	24	+ de 50
1964	Estambul	0	84	1982	Argélia	8	+ de 600
1966	Cairo	0	300	1985	Pequim* ?	?	?
1967	Kayseri*	48	602	1985	Bradford	53	?
1968	B. Aires*	72	113	1985	México*	10	30
1971	Glasglow	66	0	1985	Heysel*	38	+ de 200
1974	Cairo	48	47				

*Incidentes devidos a atos de violência

Junto a estes dados podemos dar outros, em termos econômicos, não menos absurdos. Estes dados estão se referindo ao vandalismo escolar, que pode ser um indicador adequado do vandalismo nas quadras esportivas e do índice de violência no meio escolar (GOLDSTEIN,1996).

ANO	CUSTO ESTIMADO	FONTE
1969	100 milhões de dólares	<i>Casserty, Bass & Garret (1980)</i>
1970	200 milhões de dólares	<i>National Education Association (1973)</i>
1972	260 milhões de dólares	<i>Dukiet (1973)</i>
1979	500 milhões de dólares	<i>School Violence Prevention Manual (1980)</i>
1987	500 milhões de dólares	<i>Sadler (1988)</i>
1990	600 milhões de dólares	<i>Stoner, Shinn & Walker (1991)</i>

Como já temos assinalado anteriormente, estes dados nos podem dar uma idéia da importância que tem a violência e o vandalismo não somente no futebol ou no esporte, mas na sociedade em termos gerais.

Segundo Norbert ELIAS, em geral nos esportes, são as próprias equipes ou seus patrocinadores quem elaboram as regras. A medida que esta função de construção passa a um organismo menos local e mais nacional aumentam as tensões. O organismo nacional tem seus interesses de velar pelo jogo de todas as equipes frente a cada uma

das equipes, cujo fim imediato é a vitória. Este início de uma polaridade que gera tensão. No obstante ELIAS sustenta que se tem produzido uma restrição no uso da força física e em particular sobre o feito de matar (se refere principalmente a caça); e que se tem produzido um desprazer do prazer experimentado na comissão da violência em direção a uma visão da violência, estes dois feitos – assegura ELIAS- são indicadores do impulso civilizador da atividade humana.

De forma global, ELIAS vê o esporte como um invento social sujeito aos mesmos processos de civilização que a sociedade na que se tem originado.

Em outro epígrafe opera o conceito de ELIAS de “alargamento das cadeias de interdependência” no processo civilizador como substituição de laços segmentares por laços funcionais. A sociedade que tem um predomínio de laços segmentares tende a gerar violência física nas relações humanas de diversas maneiras que se reforçam umas nas outras. Estabelece um quadro de doze partes de laços segmentares que são substituídos por laços funcionais. Estabelece uma série de pautas de aparição da violência em função da predominância da laços segmentares. Quando em uma sociedade existe uma predominância da laços funcionais o Estado monopoliza o direito de ampliar a força física. Dado isto, é estas sociedades com predominância da laços funcionais, os esportes mais combativos formam um espaço onde a violência está socialmente permitida.

Assinala como o futebol sempre tem estado marcado pelos incidentes, o que nos últimos tempos estão aumentando de forma alarmante. Afirma que existem quatro aspectos da afeição violenta do futebol que fazem pensar que tenham suas origens em laços segmentares:

*Resulta-lhes tão interessante o enfrentamento como o presenciar a partida de futebol.

*Os grupos rivais pertencerem à mesma classe social.

*O enfrentamento entre grupos rivais adota uma forma de “negócio”.

*Alto grau de conformidade e uniformidade na ação (canções e lemas).

Finaliza fazendo uma caracterização sociológica dos atributos destes grupos violentos de futebol.

DUNNING, em um de seus trabalhos assinala a ocorrência habitual dos incidentes violentos do futebol especialmente na Inglaterra. Assinalam que os aficionados violentos são uns poucos e que o resto se vem arrastado para a violência. Com o fim de caracterizar a estes indivíduos inclui uma reprodução de uma entrevista com um preso após a partida entre Cardiff City e Manchester United de 1974:

“ Eu vou as partidas por uma só razão: o confronto. É uma obsessão, não posso deixá-lo. Desfruto tanto quando estou nele que quase me mijo de tesão nas calças... Buscando-o, recorro todo o país... Todos os dias, pela noite, damos voltas pela cidade buscando briga. Antes das partidas vamos como se nada, com pinta respeitável...logo, quando vemos alguém com aspecto de inimigo, lhe perguntamos a hora; se responde com sotaque estrangeiro, lhe damos uma surra; e se leva dinheiro além disso, o roubamos também. ”(autor desconhecido).

A continuação mostra as múltiplas possibilidades de violência dos grupos Hooligans (grupo de torcedores da Inglaterra). Mostra afinal que grupos como o “Inter City” de West Harm, o “Service Crew” de Leeds e os equivalentes em clubes como o Newcastle United e o Chelsea, apoiam à organizações racistas e de corte ultradireitista (facções de extrema direita) como o British Moviment e o National Front. Descreve superficialmente a forma de deslocar-se aos encontros, que ao contrário do que se pode pensar, foge de utilizar os distintivos de clube de tal forma que se impede dar a conhecer quem eles são. Afirmam que os jovens implicados nos incidentes violentos tendem a considerar estes casos como parte integrante do fato de assistir a uma partida de futebol.

Mostram que as explicações oficiais, o abuso da bebida e/ou a violência generalizada em campo de jogo são explicações com grandes limitações, mas que contém elementos parcialmente válidos. No que diz respeito a violência no próprio campo de futebol, não deixa de ser importante citar outros fatores: - como pode ser a atuação da polícia ou o tratamento que dão os meios de comunicação aos distúrbios generalizados por esses grupos, que permitem estabelecer um ranking de grupos.

TAYLOR (1971), afirma que os torcedores pertencentes a classe operária consideram em certa maneira que os clubes de futebol são uma democracia participativa. Consideram aos hooligans atuais como um movimento que tenta restabelecer o controle e salvaguardar os interesses da sua classe. CLARKE (1973), considera o fenômeno do hooliganismo à conjunção da profissionalização e

espetacularização do jogo durante os anos sessenta. O papel da imprensa e a generalização do “pânico moral” em torno da violência dos aficionados por futebol tem sua importância no crescimento deste movimento. Afirma-se também que existe uma correlação entre a preocupação por este tema e a deterioração da economia britânica. Segundo MARSH (1978), a violência é exagerada pelos meios de comunicação e que não se trata mais que um “ritual agressivo”. Mais adiante cita em um informe no que se afirma que os torcedores violentos provêm da classe trabalhadora. Em um estudo posterior JAVALOY (1989) chega a uma conclusão similar, 80% das pessoas processadas por delitos relacionados com o futebol eram operários manuais ou desempregados. Acrescenta o término “segmento ordenado” para englobar duas camadas interconectadas do padrão de vida nestas comunidades. De acordo com JAVALOY a camada dominante de toda sociedade caracterizada por um “segmento ordenado” são os grupos de pessoas do mesmo nível social, mesma idade e mesmo sexo integradas em bandas suburbanas.

DUNNING (1976) descreve a sócio-gênese da masculinidade agressiva. Nesta epígrafe afirma a importância da socialização das crianças na rua, já que tendem a interagir entre eles com agressividade. Estão familiarizados a agressividade. Depois são a estas pessoas da classe operária baixa a que se nega invariavelmente status, significado e gratificação.

Para DUNNING, a violência dos espectadores no futebol não é nova. Mostram diversas notícias sobre o tema aparecidos na imprensa e mostrados como apesar de existir diversos períodos em que a violência tinha remitido, não havia desaparecido. Mostram assim mesmo que o problema se tem agravado com a profissionalização.

Critica também o papel desempenhado pelos meios de comunicação. Em primeiro – e cita o caso inglês – elogiando a boa conduta da massa e criticando os incidentes dos estrangeiros. Nesse momento se chegou a comentar que esse tipo de incidente nunca ocorreria ali. Depois, a partir da década de 50, foram recorrendo todos os incidentes violentos e se magnificaram. Acusa-se a mídia de ter magnificado as notícias para vender mais jornais.

Em *Football in its place* de CANTER (1989), pode-se fazer um resumo dos comportamentos da massa no futebol. No primeiro capítulo se enfoca o futebol como um fenômeno de massas que representa a perfeição das linhas culturais que nos diferenciam. Como efeito, cada torcedor se identifica com seu clube ou com sua equipe porque lhe atribui características definidas e únicas. É óbvio que existem diferenças entre clubes, já que, formamos parte de uma sociedade inter-relacionada e em equilíbrio, estas pequenas diferenças entre umas e outras entidades é que decide o caráter dos aficionados. Antes, faz já algumas décadas, os torcedores eram locais, mas, pouco a pouco passaram a ser não necessariamente locais. Neste capítulo oferecem a opinião dos aficionados ingleses, da “gente da rua”. Curiosamente, as opiniões variavam de clube a clube, no entanto, todos coincidiam em afirmar que as situações de violência e distúrbios, tem contribuído enormemente para que as pessoas deixem de ir às partidas de futebol. E por incrível que pareça, se tem registrado um descaso importante nas vendas de entradas na Inglaterra, sobre todo o desprazer fora da casa das equipes. Os hooligans são normalmente jovens de classe trabalhadora, que os autores descrevem da seguinte maneira: um de cada cinco tem menos de 17 anos, dois terços tem entre 17 e 20 anos e o resto tem mais de 20 anos. Concluem: os hooligans são jovens e são o grupo social mais prejudicado pelos juizes, - existe pois um prejuízo?. As explicações que nos oferecem para a aparição deste grupo são várias: Em primeiro lugar, a natureza humana é por si só agressiva, o futebol além disso gera agressividade, e por último, este esporte se converte para muitos em um reflexo dos problemas da sociedade. Mas, - por que a violência não passa normalmente nos campos, e sim fora deles?. O futebol é um esporte que nos produz satisfação e orgulho, mas também produz mortes, aproximadamente em um ano, se podem alcançar os 100 mortos, entre agressões e mal estado das instalações.

No capítulo terceiro, se explicam as diferenças entre o clubes ingleses. Os autores postulam a existência de uma “cultura dos clubes”. Com este se refere as atitudes e comportamento que fazem que cada clube seja distinto e único. A idéia de que cada clube tem uma cultura própria pode dar lugar a muitos problemas derivados de uma opinião extremista desta questão.

O quarto capítulo está dedicado às aglomerações e as emergências. Desde o princípio da história temos assistido a espetáculos concebidos como agressivos para acalmar os problemas sociais das multidões. Assim, por exemplo, na antiga Roma, teriam aos gladiadores. Os gladiadores era um espetáculo agressivo das massas. Além disso, também desde a antigüidade temos observado uma forte consciência de grupo, caracterizada pelas semelhanças e pontos em comum. Dentro destes grupos, cada pessoa se sente fortemente unida a ele. Como consequência, se em um lugar há muita gente concentrada e se produz uma emergência, as possibilidades de desastre aumentam consideravelmente.

Pode-se fazer um resumo dos diversos aspectos tratados pelos autores:

- Acontecimentos estranhos:

Com freqüência, pensamos nos grandes desastres como importantes desde um mesmo princípio, sem considerar que não é assim. Por exemplo, se uma pessoa cai na rua é, dentro de uns limites, uma coisa normal e até cotidiana. No entanto, se uma pessoa cai no trajeto de uma ida precipitada em busca de uma saída de emergência, pode resultar em um verdadeiro desastre. As massas, por elas mesmas imprimem uma certa sensação de desastre. Um conhecimento insignificante pode acabar em um feito terrível e devastador.

- O peso dos números:

No estádio de Heysel, 39 torcedores resultaram asfixiados ou amassados na multidão dos aficionados do Liverpool. Quando as massas reagem diante de algo é muito difícil que mudem, devido a sua magnitude. Produz-se uma falta de comunicação entre os líderes (os que encabeçam a massa) e os seguidores (o centro e final da massa). Isto produz um efeito em cadeia que se resulta letal.

- O movimento:

Quando se dá a voz de alarme e a massa se precipita para as saídas, o movimento podemos equipara-lo ao de um soldado, pode-se dizer, move-se de forma livre e unidirecional. Os corredores se prestam a eles. Os lugares têm que Ter um manejo adequado da multidão. As emergências, por pequenas que sejam, são as que demostram se as instalações são adequadas. Além disso, seria aconselhável forte

presença policial e conscientização dos possíveis perigos pelos desastres que podem se apresentar.

Mas, segundo os autores, não estamos falando da típica parafernália a que nos tem acostumados políticos e imprensa. Aqui estamos diante de um conflito de interesses e demonstram um desconhecimento do que é mais conveniente.

DURÁN (1996), em “*El vandalism en el fútbol*”, fala sobre a agressividade social e esporte. Segundo ele, numerosos estudos demonstram que com o passar do tempo dos limites de agressão no esporte se tem aproximado ao igual passado no meio social, mas isto não significa que a violência tenha desaparecido e sim que se há transformado, por isso para entender o sentido e o significado atual da violência é necessário reportá-la ao contexto histórico.

É certo que a violência física tem diminuído no interior dos estados modernos, mas como já temos apontado, é maior o nível de crise social, a civilização tem atraído uma série de restrições para evitar os excessos, mas não só em respeito à violência mas também frente ao prazer e a desigualdade, o que tem feito “substituir a agressão por uma violência muito mais sutil”, conhecida como a violência da pacificação, da neutralização, do controle, uma violência que ataca a violência e a que não se pode responder com outra violência igual senão só com o ódio.

O futebol é um claro reflexo desta evolução, sendo cada vez mais efetivo sobre os comportamentos da violência física tanto no campo como as geradas pelo modelo de conflito social permanente através dos meios de comunicação que potenciam o conflito e a agressividade social fazendo formar parte de todo este entremeio do “grande espetáculo”. Através da enorme “publicidade” dos “*hooligans*”, começa a ver-se na Espanha grupos como os “*ultras sur e boixos nois*” que, por efeito midiático, e devido a presença dos mesmos nos meios de comunicação, que continuamente narram suas façanhas, se estendem até converter-se em um problema social e político a partir da tragédia de Heysel.

Os grupos de torcedores são cada vez mais heterogêneos, fragmentados e tem menos coesão interna. O perfil sociológico do torcedor radical na Espanha seria de um varão, de uns vinte anos que assiste às partidas em grupos, o que faz que o fenômeno

da torcida radical no futebol seja uma nova versão do vandalismo e guerrilha em torno de um espetáculo que lhes garante enorme repercussão social e uma dose semanal de emoções e risos controlados.

Estes jovens vêm nesses grupos uma “família alternativa” onde encontram a proteção, atenção, reconhecimento e inclusive amor de que faltou em sua infância.

As novas formas de violência que se estão detectando se caracterizam por seu progressivo deterioramento do terreno de jogo, a perda progressiva de seu significado esportivo e a aparição de evidentes elementos de racionalidade e planificação. Além do enorme interesse econômico e comercial que rodeia o mundo do futebol profissional que se sustenta nos valores de nossa sociedade e que justificam a violência. O manutenção deste vandalismo no futebol por parte dos clubes, poderes públicos e meios de comunicação que velando por seus interesses não atuam de modo efetivo para erradicar estes feitos.

2.6 – Futebol – Meio-de-vida

O conceito de esporte é aplicado aos exercícios físicos, ao jogo. E o jogo é, antes de tudo, uma luta por algo, um ideal, e/ou representação de algo.

No futebol isto tem se evidenciado, OLIVEIRA, 1974, faz um paralelo:

- Paralelo: futebol é a vida – “ *O jogador capaz de se virar para viver, de transformar as situações mais difíceis em gol, era uma representação da vida de cada um, na qual a sobrevivência é sempre decorrente daquela capacidade de dar uma volta nas situações, transformando-as em favoráveis, quando tudo indica o contrário.*” (DA TÁVOLA, 1973)
- Na ânsia de vencer – No futebol, como na vida luta-se pela vitória através do trabalho e do esforço de cada um. Jogar como viver, exige decisão, energia, perseverança, já que na vida estamos sempre tentando vencer obstáculos. O vencedor é mais seguro de si, mais capaz, mais preparado para vencer, sabe resolver seus problemas.

- Na tensão – A tensão do futebol é igual a tensão da vida, compostas, ambas, pela insegurança de um resultado positivo, pelos riscos e pela incerteza. Na vida, como no futebol, nada é definitivo, estamos sempre buscando o melhor, sempre transitando entre vitórias e derrotas. O futebol constitui, portanto, um perfeito paralelo com a vida em sociedade, pois é num jogo que se estimula a cooperação, o trabalho em grupo, como fator decisivo para a vitória: “*No esporte e na vida, a integração é a vitória*”, slogan propagandista do governo do Presidente Médici.
- Nas relações do grupo – Na equipe, onde se configura uma mini-sociedade, é respeitada a participação individual, ao mesmo tempo em que é estimulado o sentido de conjunto, de grupo, de cooperação, a integração e o ajustamento no grupo. Nas relações com o grupo, ao qual está unido por um objetivo comum, o jogador é visto como um ser social, ficando enfatizado a sua eficiência pela sua capacidade de auto-controle, abnegação, iniciativa, vitalidade, coragem, lealdade, inteligência. Além disso, o futebol incentiva o respeito à lei, às regras, à disciplina, à hierarquia.

Uma série de pontos realça o paralelo entre o futebol e a vida:

O mundo = o campo (delimitado, finito)

O homem = o jogador

A sociedade = a equipe

A luta para vencer na vida = a luta pelo gol (vitória)

O código da vida = as regras do jogo, suas variações e possibilidades criativas

Jogadas = atitudes de ataque, defesa e outras

Árbitros = juizes (outros ou nós) das ações (nossas ou de terceiros)

E há ainda ampla gama de punições, onde as faltas técnicas correspondem a falhas e erros que cometemos (ou que os outros acham que cometemos).³

Neste conjunto, o uso exclusivo dos pés e cabeça corresponde à limitação dos meios a serem empregados para conseguir o fim desejado.

³ Paralelo que Maria do Carmo Leite de Oliveira Fernández faz relacionando o futebol e o cotidiano, o futebol como meio de vida.

Talvez esta lição de vida seja responsável pelo prestígio universal do futebol junto às massas. Mas é difícil justificar esta preferência, mais difícil ainda é delimitar, precisar a origem deste esporte, já que o fascínio do jogo de bola sobre o homem é constante no decorrer dos séculos. Alguns fatores podem contribuir diretamente para este fascínio, como os lances, as jogadas, o gol.

“Para resolver qualquer problema, seja financeiro ou emocional, para sair da fossa, para qualquer impasse, a solução é a mesma: fazer o gol.” (PLACAR, 1973)

O futebol como jogo não sofreu substanciais mudanças do decorrer dos anos. Mas ele está perdendo, de maneira rápida e indiscutivelmente, o seu tom lúdico na medida em que, encarado como negócio, tornou-se fenômeno financeiro e sério.

O que tentamos demonstrar é que o futebol-arte (intuição) está se deteriorando e transformou-se em futebol-laboratório (organização da espontaneidade), desde que deixou de ser apenas um esporte de uns para tornar-se meio de vida de muitos.

Esporte e meio de vida – hoje estes dois conceitos se fundem e se confundem, pois aos próprios profissionais do futebol ainda é cobrado interesse exclusivamente lúdico e não financeiro. Daí o paradoxo da realidade. Os clubes, únicos responsáveis por esta inversão de valores, são os primeiros a explorar a ideologia do esporte.

2.7 – Os interesses e a paixão, uma tensão permanente e constitutiva no mundo do futebol.

As realidades do futebol e naturalmente dos clubes, reconhecem toda uma área de temas que podem associar-se a difícil convivência entre interesses, os negócios e as economias dos clubes por um lado, e a paixão, a tradição associada a ela que liga o futebol com o fanatismo. Obviamente estes problemas existem desde que o esporte se transformou em um espetáculo, aprofundado com a chegada do esporte profissional e agonizado na atualidade.

Palomino tem incorporado a reflexão de Albert Hirshman em *“Las pasiones y los intereses”*.⁴ Ali se reconhece uma tensão profunda do próprio capitalismo entre os interesses e a paixão. Nesta polaridade, as Associações Cívicas (A.C.) ocupariam o lugar da paixão, enquanto que as Sociedades Anônimas (S.A.) o dos interesses, governados pela frieza dos cálculos gananciosos.

Segundo Hirshman, *“ a paixão por ganhar dinheiro se tem legitimado culturalmente: estamos já em pleno capitalismo; as paixões tem deixado de estar divorciados dos interesses”*. Se esta batalha tem sido por fim ganhada em toda a linha, as S.A. chegaram ao futebol. Atualmente , o nível que se tem adquirido o negócio parece haver produzido uma desordem por sobre a capacidade dos dirigentes e, sobretudo, tem feito mais visível a tensão entre a vida do mercado e a tradição que tem sustentado o mundo do futebol sobre a base da paixão. Antes o cambio de tamanho e - em certa medida da natureza - do negócio, muitos sustentam que se tem produzido certa inadequação de muitos dirigentes e uma rápida adaptação entre os menos providos deles.

O mercado do futebol parece seguir a lógica do capitalismo argentino: subcontratações, terceirização, em um contexto de fragmentação do mercado de trabalho. Isto se pode ver na realidade dos jogadores que jogam em um clube cujo passe pertence a outro, sua propriedade está dividida entre vários que geralmente poucos conhecem realmente.

Estas novidades chocam com certa tradição cristalizada no sentido comum futeboleiro - em crises - que se tem negado a associar a paixão com os interesses. Tradicionalmente os torcedores apareciam em luta contra as necessidades do mercado e temos visto alguns exemplos no nosso dia-a-dia. Mas, isto por sua vez tem entrado em crise. Se tem ido modificando, por exemplo quando os torcedores atualmente tendem a valorizar suas equipes e seus jogadores através de seu valor no mercado de passes (temos a este que vale tanto e se o vendemos... ou as frases que sustentam

⁴ Palomino H. op. Y Albert Hirshman citados por Frydenberg (S/D) em *Los clubes deportivos con fútbol profesional argentinos y el tipo o formato social bajo el cual se organizan: asociaciones civiles o sociedades anónimas. Aportes para un debate acerca de realidades y modelos ideales, pasiones e intereses.*

coisas como: fulano nos faz perder tantos milhões de dólares). É dizer, certa intromissão dos interesses na tradição passional.

Alguns dos problemas pressupostos dos clubes podem vincular-se aos inconvenientes dos dirigentes e dos torcedores devido ao efêmero da duração de seus heróis, seus ídolos. A lógica do negócio tende a subcontratação, a venda de porcentagens dos passes, com o qual as decisões a cerca da tendência do jogador – desejado desde a paixão – se vêem frustrados. A paixão deseja ter os jogadores, os negócios os expulsam.

No entanto, bem poderiam pensar que com a presença das S.A. o negócio talvez se reestruturaria e as empresas poderiam reter a quem são, em boa medida, parte do grande imã da paixão. É dizer, este futebol comprime ou expulsa a paixão de sua causa, de seu objeto. Por que não pensar que com as S.A., o espetáculo renova a esperança de apresentar em plenitude a paixão – talvez remodelada – seus máximos objetos de desejo?

Adiante, introduziremos, mais a cerca, algumas das caras que apresentam a paixão e sua relação com a direção dos assuntos do futebol e seu negócio.

Personagens como Havelange ou Avila tem percebido muito bem o cruzamento entre ambas as caras do fenômeno: a paixão – como fundamento motivante do espetáculo do futebol – ativando o enorme negócio mundial. Esta paixão profunda tem como sustentação dois eixos justapostos: por um lado, o desejo do êxito, por outro o estilo, ou seja o modo em que se participa da competência e, eventualmente, se obtém o triunfo.

A convivência tem sido notada pelos grandes personagens do mundo do futebol: “*o futebol é um negócio seguro, porque a paixão no decai nunca*”, diz João Havelange. Por outro lado, diante de uma pergunta acerca da envergadura do negócio mundial de futebol, sustenta Avila: “*É muito difícil qualificá-lo e classificá-lo. Mas se digo-lhe que o futebol é o esporte número um em quase todo o mundo por que está movido, basicamente, pela paixão. Olhe o que está passando na Ásia, na África... o mercado futebolístico se expande cada vez mais. Por conseguinte, é um ótimo negócio.*”

Até aqui se vê a percepção da forte ligação entre o negócio e a paixão dos torcedores como consumidores, como público do espetáculo. No entanto, quem promove o modelo S.A. percebem que seus desejos estão obstaculizados pela presença de outro fenômeno. Aparece a percepção da existência da tensão entre a inovadora gerência da nova lógica empresarial, fria, calculadora e eficiente, contra uma cultura da paixão que a vincula às A.C..

Assim, a paixão costuma ser vista pelos pró - S.A. como obstáculo para S.A., devido ao que a paixão (não os princípios) dos dirigentes pode impedir a chegada de mudanças.

O problema radicaria que nos clubes tudo seria “política”, enquanto que para ser eficientes deveria haver remanejamento. Quase tudo é consenso, rivalidades, jogar com sentimentos, fidelidades, confraternizações, ódios. Seria uma barreira contra a inclusão dos negócios no futebol. A paixão costuma associar-se aos segmentos mais negativos da vida política interna dos clubes, e isso, naturalmente costuma ser obstáculo para gestões eficientes. O problema é o tipo de vida política interna que têm os clubes e que produziria esse efeito nocivo.

Pode-se dizer que emerge uma segunda faceta aderida a paixão, que se pode associar ao desejo de governar, de direcionar o logradouro da paixão profunda. É a paixão por governar a política do futebol que se dá em cada instituição, que costuma ser o pivô sobre o qual gira a vida da maioria dos clubes com futebol profissional.

Resulta interessante e relevante levar em consideração outras idéias a respeito do que vem-se tratando. Existem setores que sustentam a idéia que o problema não é a chamada “privatização do sentimento”. O problema radica em que nos clubes se faz economia com os sentimentos, com as relações pessoais, com a lealdade, e isso parece arcaico aos empresários. Sobre a viabilidade das S.A. no futebol argentino escreveram uma coluna com um sugestivo título: “Administrar desde fora”.

Se quase a totalidade dos clubes de futebol estão muito endividados ou quebrados, nem que um só tenha admitida, é um absurdo pensar que todos os dirigentes são inaptos ou corruptos. Falha o sistema, que consiste nisto: se ganha uma eleição e se assume um clube semi-quebrado por três ou quatro anos. Durante os dois primeiros se

trata da administrá-lo com correção de acordo com o ingresso. No terceiro, diz o dirigente: “ Se sigo austero, sou impopular e perco a próxima eleição. Melhor gastar, contrato e melhora futebolisticamente o clube. Se assim ganho, veremos que faço com a dívida. E se perco o problema será do outro”. E assim sucessivamente.

Creio que todas as empresas, os bancos, instituições e até as arrecadações do Estado podem ser privatizadas e assim funcionariam melhor. Não conheço “torcedores” do Banco Nacional (salvo no rugby) nem das caixas de jubilações, nem do Bradesco. Mas isso quando há um sentimento social no meio, não privatizada, como não o faz “nenhuma” igreja, que utilizam simplesmente da fé. Não gostaria que viesse um Tinelli espanhol a comprar o Coritiba ou o São Paulo. Mas tampouco a situação de endividamento dos clubes pode seguir assim. Uma boa opção que me agrada é a privatização da administração, sendo que é muito difícil na prática. Pode intentar que um grupo empresário dirija contratos, publicidade e ingressos em geral e diga aos dirigentes - eleitos democraticamente – “tem tanto para gastar”. É difícil por que o que administra, com rasgo patrimonial assumido, tratará de resguardar sua lógica gananciosa e não enfrenta eleições. Mas tampouco fará desperdícios financeiros nem o futebol dará pé aos dirigentes aventureiros que vão aos clubes em busca de fama ou satisfazer um hobby. Deveriam intentar sobre isto antes de ir mais além.

A lógica da democracia associativa que implica a existência de bandos opostos – as vezes irreconciliáveis – seria a base do problema. A necessidade de resultados esportivos para que se acione o dispositivo passional de forma positiva e lograr assim ganhar as eleições, o faz abandonar a austeridade e promove a dilapidação de fundos em contratos de estrelas do esporte.

Esta lógica de ganhar consenso se centraliza na paixão futebolística gerada pela performance esportiva. Essa lógica da paixão produz ineficiência econômica, mas, por outro lado, sustenta as instituições sociais baseadas em fortes laços de identidade – poderíamos agregar, encadeadas em certos rituais. Tampouco pode escapar à lógica das A.C.. A paixão para os dirigentes de futebol, é a paixão pelo poder dirigir o futebol. Poderia pensar que com uma S.A. muitos dirigentes ficariam automaticamente fora de toda possibilidade de exercer sua paixão. Questiona-se: que paixão está em

jogo aqui? se trata da paixão dos torcedores? que é o fundamento de espetáculo; que sucede com o torcedor- dirigente apegada aos laços políticos articulados na tradição do formato A.C.? Neste sentido contesta-se:

- Crê que quem apoia as S.A. já estão resignados a não ter chances?
- Na medida em que os que querem as S.A. sejam sócios, se interessem pela vida política de seu clube e sejam eleitos pela massa social, então se poderá dar nesta situação. De outra maneira não vejo possibilidade. Porque as pessoas do futebol têm a paixão acima. Em mudança, se transformam-se em S.A. aparecerá gente com a mente posta no signo pesos (dinheiro). Nada mais.

A paixão dos dirigentes os fazem atuar com uma lógica passional diferente da lógica do dinheiro. A paixão nos dirigentes se vincula à dos torcedores somada a paixão por dirigir a instituição, sendo torcedor. É dizer, estão atuando duas paixões: a do torcedor comum, que pressiona por êxitos esportivos, pela retenção do ídolo, e a do dirigente por participar e dirigir uma A.C., que ademais compartilha a anterior.

Esta dupla veta permite começar a tratar a hipótese que sustenta que as S.A. seriam a “ privatização da paixão”. Talvez provocaria uma transformação do fanatismo do comum, talvez diante de uma CD disputada, só se gritara contra jogadores e os dirigentes, eliminada a quota de participação simbólica da torcida na formação da orientação gerencial. É dizer, cremos que as S.A. funcionariam muito bem montando-se sobre a paixão do torcedor.

Poderia agregar-se que a presença omnímoda das grandes empresas futebolísticas, com o domínio dos grupos midiáticos, no contexto das sociedades atuais, produzam modificações tendentes a transformar o espetáculo futebolístico em um show, um produto desenhado para ser consumido por um público domesticado no estádio e obviamente, pelo público televisivo.

O fanatismo pertence a um universo das relações sociais simbólicas que comparte só algumas variáveis com a forma que adquirem as organizações que participam do espetáculo esportivo moderno. Esta paixão aparecerá enquanto aparece

o próprio espetáculo, com A.C. ou S.A.. Pode-se dizer que, enquanto existir espetáculo de futebol – tal como a conhecemos – existirá o público – torcedor.

Detendo-nos na mais completa paixão do dirigente, poderia ficar focalizada na lógica do sistema político interno dos clubes como A.C., que produz pouca eficiência econômica. Mas também pode querer dizer outra coisa mais. Essa paixão pode ser vista como uma lógica “não empresarial”. Essa lógica não empresarial pode ter duas vetas: a da busca cega do êxito esportivo com conseqüente possibilidade de hipotecar o futuro do clube, e outra que sustenta a ação dos dirigentes que crêem que o clube tem um dever solidário como objetivo básico por cumprir.

É dizer, uma lógica gerencial e administrativa que não aponta a ganância sem o da gestão de uma organização fortemente vinculada a sua comunidade. Uma instituição que maneja milhões não dirigida por uma lógica empresarial. Isto é percebido por muitos como uma situação paradoxal e anacrônica. Uma realidade que vincula aos clubes com as A.C. e que a define como único formato possível para cumprir o papel de construtor de redes sociais básicos. Uma tradição passional que parece fora do tempo. Para FRYDENBERG, a forma de fazer política, por exemplo, diferencia de outras formas de ver o modo da vida política nos clubes, não que seja uma exceção. Existe a outra raiz de vínculo passional- gerencial, a que se associa a natureza imperiosa do êxito esportivo (essencialmente nos clubes grandes). Assim, a tensão entre os dirigentes de futebol parece estar posta entre uma paixão futebolística por governar as coisas do futebol associada ao êxito esportivo, e outra paixão posta na vida associativa, nos objetivos da associação postos na atividade comunitária (esportivo ou não).

Por isso diz-se que com as S.A. o apaixonado que está centrado em que a bola entre no gol, se manterá. Para o agente da bolsa não entra em seu horizonte mental que possa existir uma paixão diferente, como a do dirigente que luta por sua comunidade através do clube.

Finalmente estamos diante de uma crise, uma luta na que se opõe a lógica da associação, com um modelo de sociedade cidadã, com a do negócio (paixão e interesse), com um modelo de sociedade com governo absoluto do mercado, na que

existem somente mercantes dialogando entre si. A última está triunfando em toda a linha. Dentro desta transformação cultural se inscreve o problema dos modelos de êxito que estão em jogo, assim como a destruição das redes sociais que giram em torno a alguns dos clubes.

A lógica do clube social e desportivo amador é por sua vez diferente da que move o clube de futebol imerso no negócio. Este último vive desde muitas décadas realidades contrastantes. Deve viver o mundo comunitário e o hiper profissionalismo simultaneamente. Diz-se, distintos espaços e cenários superpostos e que há convivido em permanente tensão. Esses espaços são três:

- a. o associativo, comunitário, solidário, participativo, vinculado a forma na que se encaram as atividades sociais e também as desportivas.
- b. O esporte não profissional e as atividades sociais de qualquer tipo.
- c. O esporte super profissional em especial o futebol.

Assim, da oposição entre interesses e paixão nos detemos no intento de despejar os ingredientes dessa presença passional pelo futebol. Por u lado, a paixão do torcedor – que cremos sobreviverá a presente aparição das S.A.. Por outro, a paixão do dirigente- torcedor. Esta paixão também pode mostrar dois ou mais costados, a primária comum ao torcedor, que permeia sobre a busca do êxito desportivo – entre outras coisas, com suas conseqüências indesejáveis ou não. Mas também (e somada a anterior, talvez atenuando seus efeitos negativos) existe em alguns dirigentes a paixão pelo trabalho comunitário. Aqui sim, o dirigente deseja dirigir uma A.C. e evitar as S.A. e a terceirização.

O dirigente torcedor movido só pela busca do triunfo eleitoral supondo que sua gestão deverá ter um triunfo esportivo, não poderia – em princípio – apresentar obstáculos a terceirização, nem que seja a aparição da S.A.. A lógica da paixão do dirigente comunitário é muito diferente. Ela só pode existir em uma A.C. em pleno contato com sua comunidade e a convivência com a lógica empresarial aparece, em princípio, impossível.

E esta lógica empresarial dos dias de hoje acaba afetando diretamente no dia a dia do esporte, e no futebol acaba sendo mais visível, pois se trata de um esporte que

atinge uma grande massa, e que demonstra uma afinidade muito acentuada com seus clubes.

2.8 – A Torcida

As Torcidas Organizadas, nos moldes estruturais de hoje, são fenômenos recentes e seu surgimento são datadas no final da década de 60 e início dos anos 70. Este movimento aparece como uma forma de “pressão perante o clube e como um componente ativo do jogo de futebol” (PIMENTA, 1997). Mas têm-se relatos que as Torcidas Organizadas surgiram bem antes, em 1942, no Rio de Janeiro, teve início com um torcedor do Flamengo, Jaime Rodrigues de Carvalho, a “charanga” do Flamengo, a primeira torcida organizada do Brasil (TOLEDO, 1994).

JAVALOY (1996), faz uma análise psicológica do desenvolvimento das etapas para se tornar um “*hooligan*”:

- Predisposição pessoal. O sujeito é ineficaz ao manipular seu estado de humor e caráter; pouca tolerância aos estados disformes.
- Vulnerabilidade à adição. Baixa auto-estima, pouca estimulação ou oportunidades na vida diária para experimentar um caráter elevado; o aborrecimento conduz o sujeito a um desajuste nos níveis de caráter.
- Iniciação na atividade “*hooligan*”. Em uma partida de futebol, a pessoa observa os “*hooligans*” em ação ou fica implicado acidentalmente com eles; descobre o caráter agradável da experiência de elevado temperamento.
- Opção pelo “*hooliganismo*”. Participa em alguns incidentes violentos; experimenta um alívio no desajuste de temperamento e estados de humor disformes; as interações com os “*hooligans*” constituem uma fonte importante de gratificação.
- Saliência crescente na atividade “*hooligan*”. O comportamento violento do *hooligan* é constantemente reforçado através de periódicos confrontos violentos com a polícia e *hooligans* de grupos rivais.

- Ciclos ou episódios repetidos de atividade. A pessoa está a caminho de converter-se em um superhooligan; planeja viagens seguindo ao clube e assiste a partidas internacionais onde a implicação se vá convertendo cada vez em mais violento.
- Estabelecimento da adição. Consegue alto status em grupo de hooligans, planeja toda sua vida em torno ao hooliganismo; lidera o combate como membro da banda de hooligans; agora é plenamente adepto à violência do futebol.

Segundo OLIVEIRA (2000), a interpretação do discurso dos informantes aponta para o fato de que os torcedores representam seus ídolos a partir de um compósito de características como força, determinação, seriedade, técnica, identificação e amor ao clube e à torcida, sorte e comportamento moral. Dessas características, algumas se associam a outros sentidos subsequentes, como sorte, vinculada ao aspecto místico, e comportamento moral, que, reunidos às outras características, nos levam para a esfera do sagrado/ profano. Mostra também que a relação do torcedor com o futebol-ídolo é motivada principalmente pelo lazer proporcionado, que, entre outros sentidos, pode representar uma fuga do cotidiano e de seus momentos árduos e entediantes. Quanto às ações práticas dos torcedores, identifica-se que são eminentemente languageiras: eles agem através do canto, dos hinos e dos gritos de guerra, mostrando uma forte coesão emocional, em que a simulação torcedor-ídolo ganha espaço. Chega-se a um conjunto de elementos que podem ser categorizados como centrais, retomados em cada época, e a outro conjunto de elementos periféricos, que se alteram principalmente devido às pressões circunstanciais. Logo, os ídolos, embora existam desde as mais antigas civilizações, se reatualizam para responder aos anseios sociais de cada época.

3.0 - METODOLOGIA

Para suporte do trabalho monográfico utilizei recursos bibliográficos, análises de documentários, noticiários televisivo e rádio-difusores.

Da bibliografia pretende-se verificar diferentes concepções e informações a respeito do mundo da bola e sua relação com a mídia esportiva, as Torcidas Organizadas e a sociedade.

Sobre os documentários e noticiários, estabelecer uma reflexão no tocante ao que for esclarecido antecipadamente na análise bibliográfica, além de, focar o ponto de vista da mídia perante os acontecimentos, e como estes são vistos por eles.

Neste trabalho utilizei a metodologia documental qualitativa, hipotética-dedutiva, dialética tentando buscar uma reflexão sobre os acontecimentos futebolísticos e tudo que gira em torno deste esporte. Uma análise dos documentários, além da discussão dos autores sobre o assunto.

LAKATOS (1991), a metodologia hipotética-dedutiva se inicia pela percepção de uma lacuna nos conhecimentos, acerca da qual formula hipóteses e, pelo processo de inferência dedutiva, testa a predição da ocorrência de fenômenos abrangidos pela hipótese. A metodologia dialética penetra o mundo dos fenômenos através de sua ação recíproca, da contradição inerente ao fenômeno e a mudança dialética que ocorre na natureza e na sociedade.

4.0 – CONCLUSÃO

Para chegar a alguns itens conclusivos neste trabalho foi necessário passar por alguns questionamentos, e buscar em bibliografias dados pertinentes ao tema futebol, como: esporte, paixão, violência, torcida organizada, sociedade, mídia. O futebol se trata não apenas de um esporte, ele vem mostrando ser um grande negócio, saindo da ideologia do ludicismo, e partindo para o mercadológico.

O futebol no Brasil desde sua chegada tem causado grandes transformações. No início praticada somente pela elite burguesa, com o passar do tempo a classe operária passou a ser de grande importância para o esporte. O futebol foi se tornando a paixão do povo brasileiro, criando assim suas primeiras torcidas organizadas.

A partir daí foi um passo para a violência começar a fazer parte dos jogos, tanto no campo, como aos seus arredores. Mas, a violência não é um fato somente no Brasil, ela também está presente no mundo inteiro, países com Inglaterra, e Argentina, começam a tomar atitudes mais enérgicas para conter a violência, e os atos de vandalismo de seus torcedores. Outro fator que interfere é o racismo que vem crescendo na Europa.

Porém, apesar de todos os problemas, o futebol é uma forma de lazer para o povo. Os espectadores procuram uma forma de expressar suas emoções, manifestando-se nos jogos nos momentos de gols, dribles, lances bonitos. Além de ser o estádio um local onde podem liberar suas tensões do dia-a-dia, xingando, gritando, pulando, soltando todo e qualquer tipo de sentimento que não se pode ser demonstrado em todos os lugares cotidianos, tornando o futebol um tipo de catarse.

Assim sendo a mídia aproveita para fazer deste espectador um alienado, um consumidor em potencial.

Podemos definir alguns tópicos com um texto da Coluna do Tostão, publicado no Jornal Gazeta do Povo (esportes, pág.32, Domingo, 5 de agosto de 2001):

Cada um na sua

“ Há muito tempo, parte da imprensa crítica e dá sugestões sobre os problemas fora e dentro de campo no futebol brasileiro. Não tenho feito outra coisa. É nossa função e obrigação. Os dirigentes, técnicos e jogadores raramente escutam e valorizam as críticas. Gostam dos elogios e dos bajuladores. Parece até que o futebol está uma maravilha e não há nada para se corrigir.

Comentaristas de futebol e de economia falam do fato consumado, do conhecimento lógico e ou isolado. No campo, acontecem dezenas de outras variáveis não conhecidas nem previstas. Porém, isso não invalida nem torna as análises menos importantes e desnecessárias.

Por causa da multiplicidade de variáveis, não se pode também enaltecer técnicos e jogadores por um momento feliz e ou por um título. Uma substituição equivocada de um treinador pode ser irrelevante diante de uma falha grosseira e decisiva de um árbitro.

Técnico campeão não é, necessariamente, o melhor, nem o perdedor é incompetente. Em qualquer área, o profissional precisa ser analisado pela média de suas atuações durante um período mais longo.

Técnicos e jogadores da seleção pedem aos comentaristas (ex-jogadores ou não) apoio aos seus trabalhos. Seria uma demonstração de amor à pátria. Ou engano. Nossa função não é torcer e sim informar corretamente e analisar o fato com independência e imparcialidade.

Comentaristas e treinadores enxergam o futebol diferentemente. Nossa preocupação não é apenas com o resultado final, mas, principalmente, com a qualidade do espetáculo.

Por isso, cronistas e técnicos não se entendem. É melhor assim. Cada um na sua."

(Tostão, 2001)

Não se trata apenas de um ciclo de idéias, está muito além disso. Incorpora uma multiplicidade de paradigmas, pessoas que lidam em várias áreas diferentes, que pensam o esporte de maneira diferenciada, que interpretam as situações do cotidiano futebolístico de formas variadas.

Daí a necessidade de buscarmos novas visões deste esporte. Não temos como afirmar que conclusões se chegam em apenas algumas páginas, pois trata-se de algo que vai além de uma simples avaliação de uma determinada situação, engloba vários setores da sociedade, envolve muitas pessoas, e diferentes pensamentos, mas o que podemos fazer é refletir e tentar buscar uma maneira coerente de trabalhar, jogar, ver e viver o futebol. O discurso pregado nem sempre está de acordo com o que vemos no dia-a-dia do esporte. A necessidade de fazer do futebol um espetáculo, faz com que muitas vezes deixe a ética profissional e o ser humano de lado, pense somente no fim (lucro) e esqueça dos meios como se chegam a tal resultado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, T.W. Indústria Cultural. In: COHEN, Gabriel (org.). *Comunicação e indústria cultural*. São Paulo: Nacional/EDUSP, 1971.
- ADORNO, T.W. (Org.). *Teoria da cultura de massa*. 2.ed. Paz e Terra, 1978.
- BETTI, M. TV a cabo: maximização do esporte telespetáculo. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Florianópolis, v. 21, n. 01, cad. 02. p.394 – 401. Set./1999. (textos e resumos).
- _____. *Janela de vidro: esporte, televisão, educação física*. Campinas: Papyrus, 1998-a.
- _____. Mídia e educação: análise da relação dos meios de comunicação de massa com a Educação Física e os Esportes. Santa Maria, UFSM, *Seminário Brasileiro de Pedagogia do Esporte*, p. 80-88, set.,1998-b (Anais).
- BRACHT, V. *Educação física e aprendizagem social*. Porto Alegre, Magister: 1992.
- _____. “Esporte-Estado-Sociedade”. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v.10, n.2, 1989.
- CAMARGO, V.R. O movimento olímpico e os meios de comunicação de massa: a interdependência e a perpetuação do mito esportivo. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Florianópolis, v. 21, n. 01, cad. 02. p.406 – 409. Set./1999. (textos e resumos).
- CAMPBELL, J. *O poder do mito*. São Paulo: Palas Athena, 1990.
- CANTER, D; COMBER, M. & UZZEL, D.L. (1989). *Football in its place*. London: Routledge.
- CLARKE, J. (1973). *Football hooliganism and the skinhead*. Birmingham: Centre for Contemporary Cultural Studies, University of Birmingham.
- _____. (1978). Football and working class fans: tradition and change. In R. Inghem (Ed.), *Football hooliganism : The Wider Context* (pp. 37- 60). London: Action Imprint.
- DA TÁVOLA. A. *Papelão, fio, papelão*. O Globo, 20-8-1973.
- DUNNING, E. (Ed.) (1976). *The sociology os sport: a selection of readings*. London: Frank Cass.

- _____ (1986). Prefácio. En Elias, N. e Dunning, E., *Quest for excitement. Sport and Leisure in the Civilizing Process*. New York: Basil Blackwell. (Traducción al castellano, *Deporte y ocio en el proceso de civilización*. México: Ed.Fondo de cultura económico, 1981).
- DURÁN GONZÁLEZ, J. (1996). *El vandalism en el fútbol. Una reflexión en la sociedad moderna*. Madrid: Gymnos.
- ECO, U. A falação esportiva. In: _____. *Viagem na irrealidade cotidiana*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- ELIAS, N. (1977). *El proceso de civilización. Investigación sociogenéticas y psicogenéticas*. México: Fondo de cultura económico.
- _____ y DUNNING, E. (1986). *Quest for excitement. Sport and Leisure in the Civilizing Process*. New York: Basil Blackwell. (Traducción al castellano, *Deporte y ocio en el proceso de civilización*. México: Ed. Fondo de cultura económico, 1981).
- FERES NETO, A. A virtualização do esporte e as suas novas vivências eletrônicas. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Florianópolis, v. 21, n. 01, cad. 02. p.373 – 379. Set./1999. (textos e resumos).
- FRYDENBERG, J.D. *Area Interdisciplinaria de Estudios del Deporte*. SEUBE – FFyL – Universidad de Buenos Aires. S/D.
- GOLDSTEIN, A. P. (1996). *The psychology of vandalism*. New York: Plenum Press.
- GORSKI, D. & SANTOS, Z. *A construção da imagem do atleta nos jornais impressos*. Projeto Experimental, Curso de Comunicação Social: Piracicaba Unimep, 1996.
- HOBBSAWN, E. *Nações e Nacionalismo desde 1870*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- JAVALOY, F. (1989). El comportamiento colectivo en el deporte. *Anuario de Psicología*, 40, 25-45.
- JAVALOY, F. (1996). Hinchas violentos y excitación emocional. *Revista de Psicología del Deporte*, 9-10, 93-102..
- JORNAL GAZETA DO POVO. *Coluna do Tostão*. Esportes, pág.32, Domingo, 5 de agosto de 2001.

- KUNZ, E. *et al.* (1991) Novas diretrizes curriculares para os cursos de graduação em educação física: justificativas, proposições, argumentações. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 20, n. 1, p. 37-48, set., 1998.
- LAKATOS, E.M. *Fundamentos de Metodologia Científica*. 3ed. rev. e ampl. São Paulo: Atlas, 1991.
- LYRA FILHO, J. *Gol de Letras*. Ed. Gol, Rio de Janeiro, 1967, p. 171.
- MARSH, P., ROSSER, E. y HARRE, R. (1978). *The rules of disorder*. London: Routledge & Keagan Paul.
- MICELI, P. *O mito do herói nacional*. *The rules of disorder*. London: Routledge & Keagan Paul. São Paulo: Contexto, 1988.
- MORIN, E. *Cadernos de Jornalismo e Comunicação*. Rio de Janeiro, n.º 27. S/D.
- MURAD, M. O lugar Teórico da Sociologia do Futebol. In: *Pesquisa de Campo*. *Revista do Núcleo de Sociologia do Futebol*, UERJ, n.2, 1995.
- OLIVEIRA, A.B. Representações sociais dos ídolos do futebol: construção e significados. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Florianópolis, v. 21, n. 01, cad. 02. p.368 – 372. Set./1999. (textos e resumos).
- _____. *Representações da torcida “Raça Rubro – Negra” sobre o ídolo de futebol*. Rio de Janeiro: UGF, 2000. 148p.
- OLIVEIRA, M.C.L.F. *Futebol – fenômeno lingüístico*. 1ª ed. Ed. Documentário. Rio de Janeiro. 1974.
- PIMENTA, C.A.M. *Torcidas Organizadas de futebol – violência e auto-afirmação – aspectos da construção das novas relações sociais*. Taubaté: Vogal Editora, 1997.
- RODRIGUES, N. *A Pátria em Chuteiras - novas crônicas de futebol*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- SANTAELLA, L. *Cultura das mídias*. São Paulo: Experimento, 1996.
- TAYLOR, I. (1971). Football Mad: A Speculative Sociology of football Hooliganism. In E. Dunning (Ed.), *The sociology of sport* (pp. 352- 377). London: Frank Cass.
- TOLEDO, L.H. *Transgressões e violência entre torcedores de futebol*. In: *Revista USP*. São Paulo, USP, n.º22, junho/julho/agosto 94.

TUBINO, M.J.G. *Dimensões sociais do esporte*. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1992.

VIANA, E. *O poder no esporte*. Rio de Janeiro: Sprint, 1994.

WITTER, J.S. *Breve história do futebol brasileiro*. São Paulo: FTD, 1996.

ANEXOS

ANEXOS

O ídolo, o herói



O jogador na mira da torcida



Recepção do jogador em um novo clube



A mídia entra em campo



A consagração



A imprensa faz marcação dura



A imprensa monta seu escritório em todos os lugares



Da concentração à superstição



A torcida da um show nos estádios



A torcida faz sua parte



A segurança nos estádios



A violência está presente em todo o mundo

O ESTADO DO PARANÁ

13

QUARTA-FEIRA, 18 DE SETEMBRO DE 2002

Christophe Simon / AFP



PAU NELEI - É, até atacante desce o sarrafo. Heskey, do Liverpool, chega para derrubar Almar, do Valencia. Este sofreu, mas riu por último - deu Valencia, 2 a 0.

Suicídio



O goleiro costa-riquenho Lester Morgan Suaso (foto) foi encontrado morto em uma cabana em San Rafael de Heredia, ao norte da capital San Juan. Ele se matou com um tiro na cabeça. A polícia vai investigar o caso para confirmar o suicídio. Suaso, de 25 anos, deixou uma maleta e quatro cartas. Nelas, explicou que as pensões alimentícias que tinha que pagar aos dois filhos o atormentavam.

O ESTADO DO PARANÁ

13

SÁBADO, 2 DE NOVEMBRO DE 2002

AFP



PANCADA - Não é só aqui. Na Turquia também está chelo de gente mal-intencionada, e o elemento acima quis fazer baderna depois do jogo do Fenerbahce.

PARANÁ RI

Tricolor ganha
brincando do
Timão. Foi tão
fácil, que errou
até pênalti

12/01/07

24
TIMÃO
CHORA

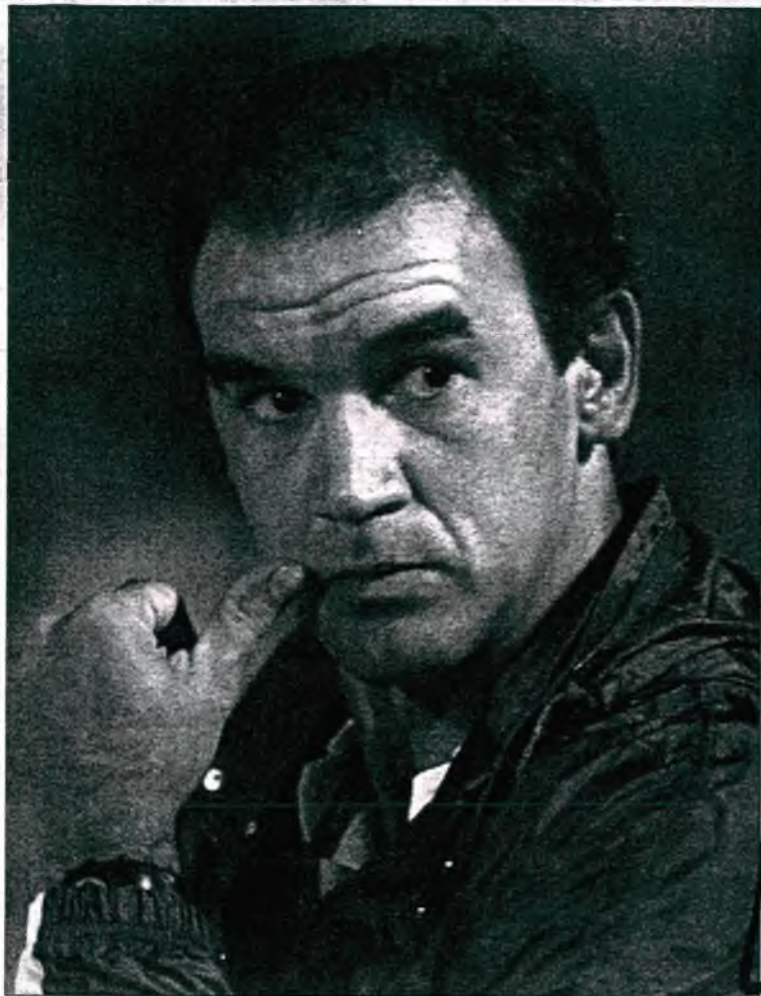
Rebelle Dittler



o técnico do Coritiba, Ricardo Gomes, não gosta da atuação do time e ontem, para o São Paulo, acompanhou a partida para trabalhar hoje com o time. "O primeiro tempo só chegamos aos 40 minutos dele. "Perdemos o jogo, mas temos que levar a lição que jogamos e o Nascimento, enquanto tinha duas chances decisivas".

Gomes foi contratado para o lugar de Ivo Pereira que foi para o Cruzeiro e o zagueiro do Fluminense, um jogador de muita disciplina. "Minha metodologia é a disciplina. Quero um jogador, rigoroso em objetivos".

Gomes disse que não vai mudar o esquema tático ao time, mas tem que ser boa em defesa, uma equipe organizada com qualquer esquema. Mas as mudanças feitas ser de uma vez. "Não é só analisar o time, é trabalhar o que vem sendo feito e está acostumado a fazer", afirmou. "Não é só analisar o time, é trabalhar o que vem sendo feito e está acostumado a fazer", afirmou. "Não é só analisar o time, é trabalhar o que vem sendo feito e está acostumado a fazer", afirmou.



RICARDO GOMES já avisou: "Minha metodologia é a disciplina"

Scolari, só quebrou o silêncio de três dias sem dar entrevistas para falar sobre o Dia dos Pais. Ele, que é pai de Leonardo, 17 anos, e Fabrício, 10, recebeu um arranjo de flores dos 22 jogadores da Seleção com um cartão assinado por todos. Scolari pediu à torcida que trate os jogadores com o mesmo carinho recebido de seus pais. Apesar do Dia dos Pais, os jogadores não tiveram folga ontem. A maioria falou com seus filhos por telefone.

Os 10 mil ingressos para o jogo entre Brasil e Paraguai foram vendidos em Porto Alegre. Com isso, o torcedor gaúcho cumpre a promessa de lotar o Estádio Olímpico e dar apoio ao time de Felipão na quarta-feira. O sentimento entre os torcedores gaúchos é que a vitória sobre o Paraguai dará à Seleção a condição de se classificar para a Copa de 2002. Além disso, o torcedor gaúcho acredita que Porto Alegre será lembrada como uma cidade que deu sorte à equipe de Luiz Felipe Scolari.

Seleção - 3

Técnico define amanhã o time para "guerra"

O técnico da Seleção Brasileira, Luiz Felipe Scolari, define amanhã o time para a "guerra" contra o Paraguai, pelas Eliminatórias para a Copa de 2002. A tendência é que o time comece com Marcos, Juan, Roque Júnior e Cris; Belletti, Eduardo Costa, Tinga, Leonardo e Roberto Carlos; Rivaldo e Edílson. O zagueiro Lúcio e o atacante Élber se apresentam hoje e devem ficar no banco. Scolari disse que o time está sentindo cansaço. "Já estamos aqui (no CT do Atlético) há cinco dias, com uma exigência mais forte que o normal. O time está cansado e ansioso pelo jogo contra o Paraguai. Mas a partir de agora vamos trabalhar de uma forma mais lenta", disse ele.

**ECONOMIZE DINHEIRO
USANDO CARTUCHO**

Guerra de Atlético pela liderança

Depois de deixar o Flamengo de Zagallo de quatro, Furacão disputará a liderança isolada do Brasileiro na quinta, contra o Galo

A próxima quinta-feira promete. Será o dia do confronto entre os dois líderes do Brasileiro: Atlético Paranaense e Atlético Mineiro se enfrentam na Arena da Baixada. Os times lideram a competição com dez pontos cada, ao lado do Palmeiras. A única vantagem dos mineiros é no número de gols marcados: nove, contra oito do Furacão.

Para o confronto de líderes, o técnico do Furacão, Mário Sérgio, espera contar com a volta do lateral-esquerdo Fabiano. O jogador se contundiu na primeira rodada, contra o Grêmio, e não voltou mais à equipe. Outro que pode começar jogando é o meia Rodrigo, que agradou ao treinador no sábado, quando a equipe massacró o Flamengo por 4 a 0.

Mário Sérgio não deverá ter problemas para armar o time. O zagueiro Nem, o "Xerifão" da Zaga, reprou-se a tempo de enfrentar o Flamengo e teve uma boa atuação. Quem pode estrear é o atacante Ilan, que ficou no banco de reservas contra o Flamengo. Ele pode entrar no segundo tempo, como o meia Souza.

MASSACRE

Sábado foi dia de massacre na Arena. O Atlético não deu nenhuma chance para o Flamengo do técnico Zagallo e assumiu a liderança do Brasileiro com uma humilhante goleada de 4 a 0. Os cariocas quase perderam o rumo e



O MASSACRE foi total na Arena: o Atlético de Alex Mineiro não deu chances para o Menguinho

voltaram para o Rio com a lanterna na mão.

O Furacão precisou apenas de um minuto para abrir a goleada: Depois de uma cobrança de escanteio, o zagueirão Gustavo subiu mais que a zaga flamenguista e venceu o goleiro Júlio César.

Petkovic ainda assustou. co-

brando uma falta vna trave. Mas, depois disso, só deu Atlético. Alex Mineiro ampliou aos 38, tocando na saída do goleiro.

No segundo tempo, mais Furacão. Kléber fez de cabeça, aos 21, e Rodrigo fechou a humilhação aos 39. No final, a torcida gritou "olé" para os flamenguistas

ligeirinhas

Eliminatórias

Jogo do Brasil terá estádio cheio

Os 48 mil ingressos para a partida entre Brasil e Paraguai foram vendidos em Porto Alegre. Com isso, o torcedor do Rio Grande do Sul cumpre a promessa de lotar o Estádio Olímpico e dar total apoio ao time de Felipão na quarta-feira. Na capital gaúcha, o sentimento entre os torcedores é que a vitória sobre os paraguaios dará à Seleção Brasileira a condição de se classificar para mais uma Copa do Mundo. Além disso, o torcedor gaúcho acredita que Porto Alegre será lembrada como uma cidade que deu sorte à equipe de Luiz Felipe Scolari.

O salvador

Pedrinho é o novo ídolo do Palmeiras

"Ei, ei, ei, Pedrinho é nosso rei". Foi essa a forma encontrada pela torcida para homenagear o meia, que brilhou na estréia pelo Palmeiras, marcou um gol, participou de outro e foi decisivo na vitória do time sobre o América-MG por 3 a 1, ontem, no Palestra Itália. O jogador disse que estava apreensivo antes da partida. "Mas, a atitude da torcida foi maravilhosa, fui bem recebido e só posso retribuir com boas atuações", afirmou. Ele dedicou

FICHA TÉCNICA	
4	
Flávio; Gustavo (Erandir), Nem e Igor; Rogério Souza (Rodrigo), Pires, Adriano, Kléberson e Ivan; Alex Mineiro (Souza) e Kléber.	



COLUNA DO TOSTÃO

Cada um na sua

HÁ MUITO TEMPO, parte da imprensa crítica e dá sugestões sobre os problemas fora e dentro de campo no futebol brasileiro. Não tenho feito outra coisa. É nossa função e obrigação. Os dirigentes, técnicos e jogadores raramente escutam e valorizam as críticas. Gostam dos elogios e dos bajuladores. Parece até que o futebol está uma maravilha e não há nada para se corrigir.

Comentaristas de futebol e de economia falam do fato consumado, do conhecimento lógico e ou isolado. No campo, acontecem dezenas de outras variáveis não conhecidas nem previstas. Porém, isso não invalida nem torna as análises menos importantes e desnecessárias.

Por causa da multiplicidade de variáveis, não se pode também enaltecer técnicos e jogadores por um momento feliz e ou por um título. Uma substituição equivocada de um treinador pode ser irrelevante diante de uma falha grosseira e decisiva de um árbitro.

Técnico campeão não é, necessariamente, o melhor, nem o perdedor é incompetente. Em qualquer área, o profissional precisa ser analisado pela média de suas atuações durante um período mais longo.

Exigem do comentarista esportivo, experiência e sucesso na carreira de técnico, como se, somente assim, ele estivesse apto a fazer uma análise correta. Nada a ver. O técnico também não precisa ter sido um bom comentarista.

Ao mesmo tempo, para ser um analista ou técnico não há necessidade de ter sido um brilhante atleta, nem um jogador profissional. Muitos craques não entendem e nem se preocupam com os detalhes táticos e com o conjunto de uma equipe. Outros, medianos, são grandes observadores e podem ser brilhantes treinadores.

A maioria dos supercraques não foi técnico. Cruyff e Beckembauer foram exceções e se deram muito bem. Outros, tiveram a opção de ser comentarista, dirigente, empresário ou se afastaram do futebol. A escolha é pessoal. Cada um tem seus motivos.

A maior parte dos treinadores foi goleiro, defensor ou armador. Uma das explicações seria que eles têm mais chances de observar o jogo, o conjunto, do que os atacantes. Seriam mais solidários e menos individualistas.

Teoricamente, o perfil (em campo) do jogador que vai se transformar num bom treinador seria o pensador e o organizador no meio-campo, como Didi, Gérson e Falcão. Difícil seria contar o número de cigarros que o Gérson fumaria no túnel.



Muitos jogadores tiveram carreiras curtas ou intermitentes de técnico e de comentarista. Aproveitam do nome para "bicar" e faturar um pouco mais. Não se tornam profissionais, nem aprendem as técnicas da nova profissão.

Da mesma forma, um treinador desempregado não deveria preencher o tempo como comentarista, até ser contratado por um clube. Já que ganham tanto, poderiam aproveitar o tempo para estudar, reciclar.

Os técnicos e jogadores cobram do cronista que já foi atleta profissional, um pouco mais...

corporativista. As críticas contundentes são interpretadas como traição à classe. Engano! O nosso compromisso ético é com o trabalho atual e não com o passado. O corporativismo é uma das pragas do país.

Técnicos e jogadores da seleção pedem aos comentaristas (ex-jogadores e ou não) apoio aos seus trabalhos. Seria uma demonstração de amor à pátria. Outro engano. Nossa função não é torcer e sim informar corretamente e analisar o fato com independência e imparcialidade!

Comentaristas e treinadores enxergam o futebol diferentemente. Nossa preocupação não é apenas com o resultado final, mas, principalmente, com a qualidade do espetáculo.

Por isso, cronistas e técnicos não se entendem. É melhor assim. Cada um na sua.

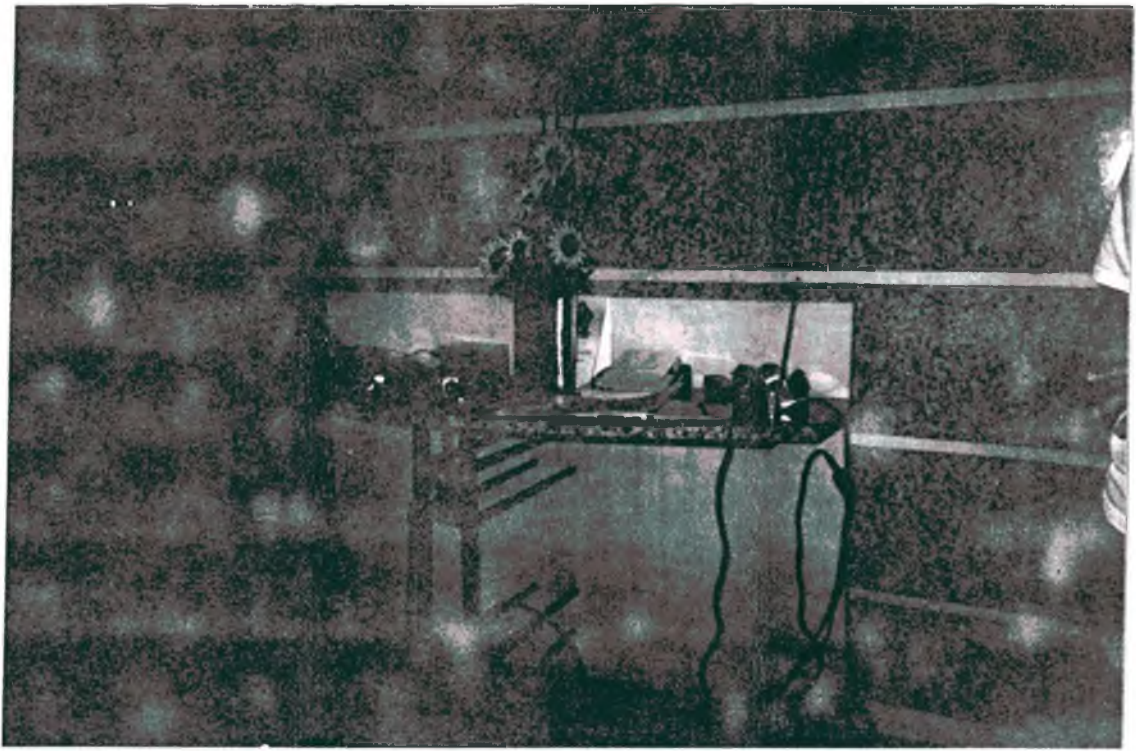
Romário e Tinga

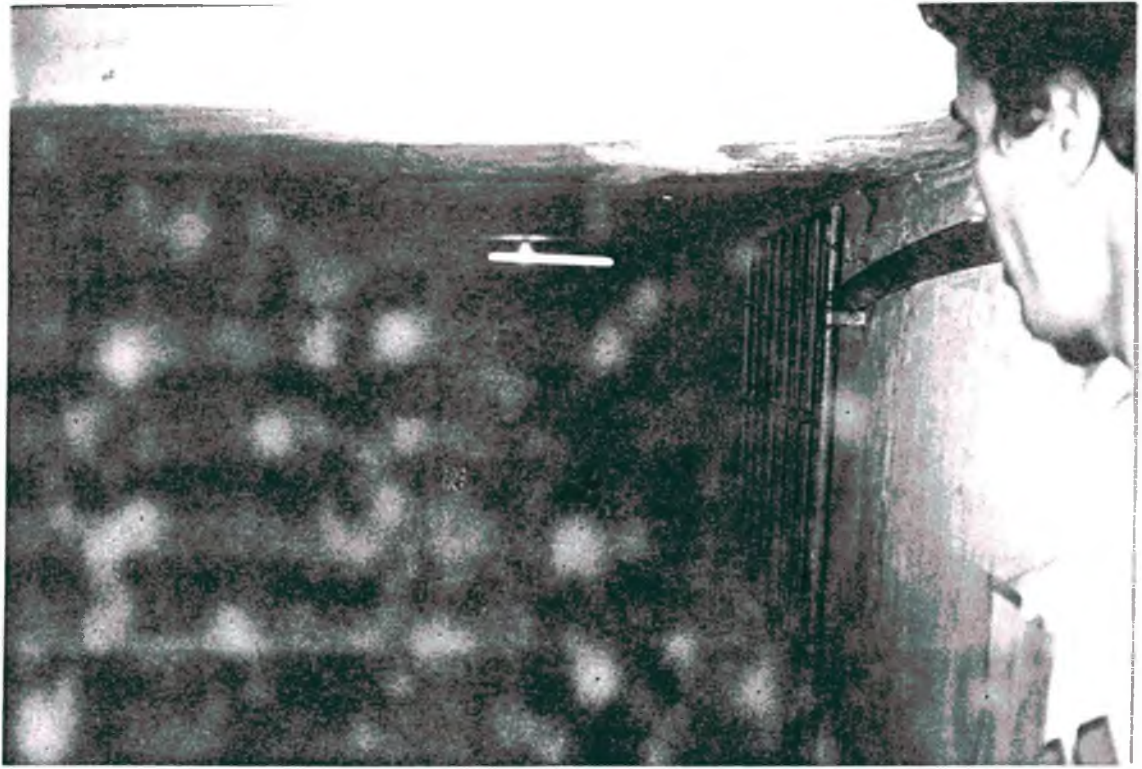
Recebi muitos e-mails com críticas por ter elogiado o Tinga e concordado com a não convocação do Romário. Muitos nunca viram o jogador do Grêmio atuar. Querem antagonizá-lo com o Romário. Seria como se o técnico tivesse convocado um perna-de-pau e deixado de fora um gênio. São jogadores de posições diferentes. Um não tem nada a ver com o outro.

Romário precisa de uma sequência de boas atuações para retornar à seleção. Não se joga mais somente com o nome. Para brilhar, até o craque precisa estar em forma. Eu também não convocaria o Tinga. É um bom jogador, mas o Juninho Pernambucano é melhor. O fato de o jogo ser em Porto Alegre ajuda o jogador do Grêmio. Incompreensível é a provável escalação do Eduardo Costa no time titular.

Acabei de ler o delicioso e bem-humorado livro de crônicas do jornalista Renato Mauricio Prado: "Saibro, suor e lágrima". Não entendo os detalhes

MATEIA DO LÍBRO - CRÔNICAS - ROMÁRIO, 5 DE ABRIL DE 2003







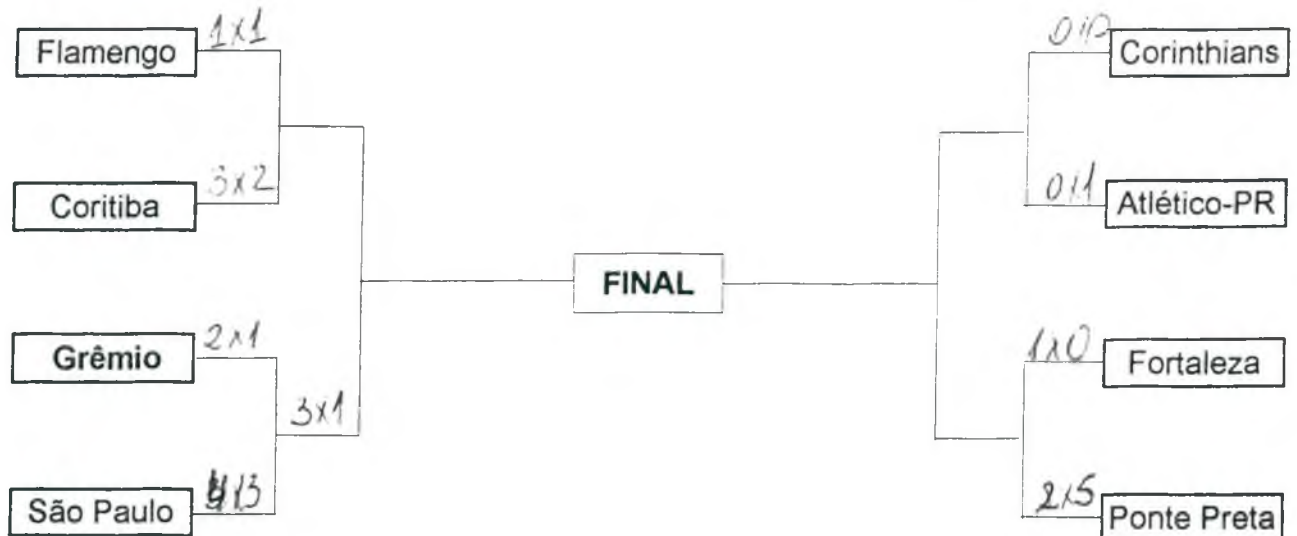
GRÊMIO FOOT-BALL PORTO ALEGRENSE

CAMPEÃO DO MUNDO

COPA DO BRASIL

GRÊMIO X São Paulo

16.05.2001 - 21h45min - Estádio Olímpico Monumental



ÚLTIMOS CONFRONTOS ENTRE GRÊMIO X SÃO PAULO

Data	Local	Escore	Natureza
09/11/96	Estádio Morumbi	1x2	BRASILEIRO
14/06/97	Estádio Pedro Pedrossian	1x2	COPA CAMPEÕES
05/07/97	Estádio Olímpico Monumental	0x0	BRASILEIRO
19/03/98	Estádio Morumbi	0x2	COPA DO BRASIL
21/04/98	Estádio Olímpico Monumental	0x2	COPA DO BRASIL
21/10/98	Estádio Morumbi	2X1	BRASILEIRO
04/09/99	Estádio Olímpico Monumental	0X4	BRASILEIRO
04/10/00	Estádio Morumbi	1X1	BRASILEIRO

CONFRONTOS GRÊMIO X SÃO PAULO

Nº JOGOS	VITÓRIAS	EMPATES	DERROTAS	GOLS PRÓ	GOLS CONTRA
57	17	20	20	62	70



Fundado em: 12/10/1909

Coritiba Foot Ball Club

Rua Ubaldino do Amaral, 37 - Alto da Glória - CEP 80.060-190 - Curitiba-PR - Caixa Postal 800
Tel: 41 362.3234 - Fax: 41 262 2823 (Alto da Glória) - Tel: 41 675 7990 (CT do Ataca)



Títulos

- Campeão Brasileiro - 1985
- Campeão do Torneio do Povo - 1970
- Fita Azul - 1970
- Campeão do Festival Brasileiro de Futebol - 1997
- Campeão Paranaense - 30 vezes
- Hexa-campeão Paranaense - 1970, 1976
- Bicampeão Paranaense - 1947, 1999



Patrocinador



Material esportivo

PENALTY

Informações para o jogo:

Grêmio X Coritiba

Escalração

Jogos Gols

			Jogos	Gols
1	G	Marcelo Cruz	7	-10
7	M	Juliano	7	1
2	Z	Danilo	3	1
4	Z	Allan	6	1
3	Z	Paulo Roberto	3	0
6	L	Anderson	5	0
5	V	R. Nascimento	8	0
8	V	Messias	4	2
11	V	Alexandre	3	0
10	M	Mabilía	4	2
9	A	Enilton	6	3
12	G	Junior	0	0
13	L	Filipe Alvin	1	0
14	L	Alemão	2	0
15	V	Ataliba	5	1
16	M	Leandro	0	0
18	A	Da Silva	3	0
17	A	M. Cambalhota	8	4

Data: 30/05/2001 - 21h45

ÁRBITRO: Paulo César de Oliveira (SP)
AUX1: Marinaldo Silvério (SP)
AUX2: Nilson Souza Monção (SP)

Uniforme do jogo



Campanha

Jogos: 8
Vitórias: 5
Empates: 3
Derrotas: 0

Copa do Brasil

Gols pró: 19
Gols contra: 12
Saldo de gols: 7

Próximo jogo

Copa do Brasil - Grêmio
06/06/2001 - 21h45 - Couto Pereira

Reapresentação

Sexta-feira - 01/06/2001
15h30 - Centro de Treinamento

Técnico Ivo Wortmann

Assessoria de Imprensa: ADRIANO RATTMANN - 9976.4020
e-mail: assessoria@coritiba.com.br



ELENCO PROFISSIONAL

	NOME COMPLETO	NATURALIDADE	IDADE	ALTURA	PESO
Marcelo Cruz	Marcelo Della Cruz	Tupã - SP	23	1,91 m	90 kg
Junior	Antônio A. Junior	Curitiba-PR	19	1,85 m	78 kg

Filipe Alvin	Filipe Alvin Maluf	Palma-MG	22	1,84 m	69 kg
Vitor	Vitor Carlos Costa Pereira	Grão Mogol-MG	26	1,83 m	67 kg
Anderson	Anderson S. da Cruz	Belém-PA	24	1,68 m	73 kg
Patricio	Patricio Antônio Bogues	Aratiba-RS	25	1,78 m	78 kg
Alemão	Clodoveu Almeida Mariano Jr.	São Paulo-SP	19	1,75 m	74 kg

Danilo	Danilo Moreira Serrano	Mirassol-SP	20	1,84 m	75 kg
Picoli	Edemar Antônio Picoli	Caibi - SC	27	1,86 m	76 kg
Edinho Baiano	Edson M. Nascimento	Caruaru - PE	33	1,81 m	80 kg
Allan	Allan R. Aal	Paranaguá-PR	21	1,84 m	75 kg
Paulo Roberto	Paulo Roberto Racinoski Matias	Porto Alegre - RS	30	1,81 m	79 kg
Max Sandro	Max Sandro B. de Oliveira	Rio de Janeiro - RJ	29	1,82 m	82 kg

Ataliba	Carlos E. Soares	Campinas-SP	21	1,80 m	74 kg
Willians	Ison W. Rodrigues	Londrina-PR	21	1,75 m	69 kg
Paulo Foiani	Paulo Foiani	Santo André-SP	24	1,79 m	76 kg
Alexandre	Alexandre Souza Pinho	Manaus - AM	24	1,74 m	69 kg
Nascimento	Reginaldo Nascimento	Anápolis -GO	26	1,78 m	68 kg
Daniel	Daniel A. M. Batogelo	Jaú-SP	27	1,77 m	75 kg
Messias	Mesias Conceição dos Santos	Poções - BA	23	1,82	80 kg

Fabinho	Fábio José dos Santos	Propriá - SE	27	1,72 m	73 kg
Castor	Edmison Ferreira	Curitiba - PR	22	1,76 m	69 kg
Djames	Djames N. Da Silva	Rio Branco - AC	23	1,70 m	67 kg
Mabília	Marcelo Mabília	Porto Alegre - RS	28	1,82 m	82 kg
Pepo	Ivo Ricardo Sá	Curitiba - PR	18	1,80 m	73 kg
Neto	Osni Purificação Neto	São Paulo - SP	22	1,77 m	74 kg
Leandro	Leandro Fonseca	Jaboticabal - SP	25	1,78 m	76 kg

Marquinhos	Marcos G. de Araújo	Rio Brilhante-MS	24	1,74 m	73 kg
Gelson	Gelson dos Santos Jr.	Curitiba - PR	21	1,80 m	76 kg
Evair	Evair Aparecido Paulino	Crizolia - MG	36	1,84 m	83 kg
Da Silva	Cleonésio C. da Silva	Ibiripé - MG	24	1,79 m	74 kg
Juliano	Juliano Elizeu Vicentini	São J. do Rio Preto - SP	20	1,79 m	70 kg
Enilton	Enilton Menezes de Miranda	Rio de Janeiro - RJ	23	1,77 m	70 kg
Silva	Wilmar da Silva Pereira	Presidente Epitácio - SP	22	1,87 m	88 kg

Gerente de Futebol : Oscar Yarnato
Supervisor de Futebol: Caio Júnior
Técnico: Ivo Ardais Wortmann
Auxiliar Técnico: José Martins Manso (Paquito)
Preparador de Goleiros: Jair Alves Leite
Coordenador Físico: Sérgio Gregório
Preparador Físico: Omar Feitosa
Auxiliares de Prep. Fis.: Cleber Hidalgo e Emerson Buc
Nutricionista: Tânia Delezu

Médicos: Lúcio Ernlund(coord.), William Yousef e Sérgio Fratti.
Fisioterapeutas: Dr. Sérgio Portugal e Dr. Paulo Reme
Massagista: João Miranda e Moacir Medeiros
Psicóloga: Sueli Brunhara
Advogado: Fabiano Dobeli
Registros: Fábio Zanetti
Roupeiros: Edmundo Pabis e Eleandro Santos
Segurança: Maurício Braganholo



CORITIBA FOOT BALL CLUB

FUNDAÇÃO

O Coritiba Foot Ball Club foi fundado em 12 de outubro de 1909, por um grupo de amigos de origem alemã encantados com o futebol. Inicialmente, o nome do clube era Coritibano Foot Ball Club, mas durante a aprovação do estatuto, mudou para Coritiba Foot Ball Club, numa homenagem à capital paranaense, na época grafada com "o". Anos mais tarde, a cidade voltou a utilizar a grafia "Curitiba", mas o clube manteve o seu nome original.

COXA BRANCA

O Coritiba foi apelidado "coxa branca" numa alusão aos seus fundadores alemães, que realmente tinham as coxas brancas e usavam calções pretos. A princípio o apelido era usado de maneira depreciativa pelos adversários, mas aos poucos foi assimilado pela comunidade coritibana e o termo "coxa branca" foi oficializado pelos torcedores do Coritiba.

TÍTULOS

- 30 vezes Campeão Paranaense
- Hexa-campeão Paranaense (1970 à 1976)
- Campeão Fita Azul (1972)
- Campeão do Torneio do Povo (1973)
- Campeão Brasileiro (1985)
- Campeão do Festival Brasileiro do Futebol (1997)
- Bicampeoníssimo Paranaense (1947/1999)

CONSELHO ADMINISTRATIVO

- Francisco Alberto Vieira de Araújo - Presidente
- José Augusto Arruda - Vice-presidente
- Homero Halila Pereira - Secretário
- Cleverson Marinho Teixeira - Membro
- Giovani Gionédis - Membro
- Nadir Antonio Elache Filho - Membro
- Omar Akel - Membro
- Simão Blinder - Membro
- Tito Zeglin - Membro
- Diretor Superintendente - Carlos Zanetti
- Assessoria Jurídica - Guido Dobelli
- Assessoria de Relações Públicas - Marcus Aurélio de Castro
- Assessoria de Imprensa - Adriano Rattmann - 9976-4020

EMIC

CHITIBA

- 01) ...
- 02) ...
- 03) ...
- 04) ...

- (1) ~~MARCELO~~ CRUZ JUNIOR
- (3) EDUARDO BAIANO
- (4) FULAN (~~FANTASIA~~)
- (2) PAULO ROBERTO

- ITABILI
- EDUARDO COSTA
- TINCA
- ZINHO
- RUBENS CARREIRO

- (7) JULIANO
- (8) MESSIAS
- (5) ALEX XAVIER
- (10) MARCELO
- (6) ANDERSON

- WIZ MARKO
- MARCELIANO PALAÇA

- (9) ENTONTON
- (11) ~~JULIA (DA SILVA)~~ (EVAIR) ^{LEANDRO}

- EDUARDO MARTINI
- ALEX XAVIER
- ROGER
- GAUAC
- GLICHHEMIE
- CARMO
- RENATO MARTINS

- (12) JUNIOR (6) M CM
- (13) BRUNO (7)
- (14) FELIPE ALDENY
- (15) ALEMAS (E)
- (16) BRUNO (U)
- (17) SILVA (CA)
- (18) JA SILVA (A)

- 2: ...
- 1: ...
- 3: ...